

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CONSERVAÇÃO DA
FAUNA**

BRUNA TORICELLI

**Expedição Campina dos Leites: uma construção participativa sob a
ótica do jovem morador local**

**São Paulo
2018**

BRUNA TORICELLI

**Expedição Campina dos Leites: uma construção participativa sob a
ótica do jovem morador local**

Relatório de Desenvolvimento do Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna da Universidade Federal de São Carlos em parceria com a Fundação Parque Zoológico de São Paulo como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre Profissional em Conservação da Fauna sob orientação da Msc. Kátia G. de O. Rancura e Co-orientação da Msc. Bárbara H. S. do Prado.

**São Paulo
2018**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Bruna Toricelli, realizada em 29/05/2018:

Prof. Msa. Kátia Gisele de Oliveira Rancura
FPZSP

Prof. Dra. Rosana Louro Ferreira Silva
USP

Prof. Dr. João Batista da Cruz
FPZSP

Prof. Dr. Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril
UnB

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Marcelo Ximenes Aguiar Bizerril e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Msa. Kátia Gisele de Oliveira Rancura

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar aos jovens: Fernando Pires Arruda, Hellen Roberta Marques, Kelly Maria Leite, Magda Paula dos Santos e Viviane Stefani Leite, os quais foram indispensáveis para a realização deste projeto e são considerados coautores deste trabalho. Obrigada por terem me recebido tão bem em suas casas, sou grata pela amizade que criamos e espero levá-la comigo pelo resto da minha vida.

Agradeço em especial à minha orientadora Msc. Kátia Gisele de Oliveira Rancura, pela compreensão e paciência durante o desenvolvimento deste trabalho, por acreditar na possibilidade de realização deste projeto e por ter contribuído em minha formação tanto pessoal quanto profissional durante esses quatro anos que nos conhecemos.

Agradeço também a co-orientadora e gestora da Estação Ecológica de Angatuba, Msc. Bárbara H. S. do Prado, por ter abraçado a ideia deste projeto e por viabilizar a realização do mesmo.

Um agradecimento em destaque a todos os moradores do Bairro dos Leites, por terem sido receptivos e acolhedores, especialmente àqueles que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho e consequente produto, são eles: Airton Pires Arruda, Ondina Maria Leite dos Santos, Maria Vitória L. Silva, Matheus F. L. Silva, Darlei, Ana, Rubens e Ondina.

Agradeço também a historiadora Dra. Maria Aparecida Moraes Lisboa que colaborou significativamente neste trabalho. Sou muito grata pela sua sabedoria, carinho e atenção, espero que continue contribuindo com seus trabalhos para a conservação desta região tão rica em cultura e biodiversidade.

À Dra. Rosana L. F. Silva por ter colaborado com este trabalho sempre com disposição, carinho, atenção e afeto.

À Fundação Parque Zoológico de São Paulo pela bolsa concedida e por, juntamente com a Universidade Federal de São Carlos, proporcionar essa modalidade de Pós-Graduação.

Às Escolas Estaduais Prof. Orestes Óris de Albuquerque e Ivens Viera e suas consecutivas representantes, Josie Zanforlin e Sandra C. O. Almeida, pelo apoio durante a fase de diagnóstico e disposição em contribuir para este trabalho.

Aos funcionários da Estação Ecológica de Angatuba, em especial ao Agnaldo, que me ajudou com veemência em todas as vezes que precisei.

À minha tia Evani, que é minha segunda mãe, e principal motivadora e apoiadora de minhas decisões. Aos meus familiares, Amanda, Jhonny, João, Washington e meu pai, Nivaldo.

A todos os amigos que passaram pela fase de realização deste trabalho e que contribuíram de alguma forma: Francini, Nathália, Débora, Pedro, Lilian, Jéssica, Rafael, Wesley, Murilo, Daniela, Camila, Denise, Tatiana, Gabriel, Fabricio e Thais.

Por fim, agradeço à minha mãe Lucila por ser minha referência e meu porto seguro, te admiro como pessoa, como mulher e como espírito de luz. Obrigada por estar do meu lado em todos os caminhos que trilhei até hoje, você é o motivo que me faz querer sempre ir mais além.

RESUMO

Em pesquisas na área de Educação Ambiental e Conservação, o grande desafio para o pesquisador é a popularização do conhecimento científico e o engajamento das pessoas em questões socioambientais, o que exige uma abordagem contextualizada e estratégias apropriadas, que envolvam valores e participação social. Para isso, este estudo recorreu aos princípios das Pesquisas de Natureza Interventiva em conjunto à Educomunicação Socioambiental e à Metodologia Verde Perto Educação. Este teve como objetivo fortalecer os laços de pertencimento de jovens moradores de um bairro rural, situado no entorno da Estação Ecológica de Angatuba, com o local onde vivem e levá-los a expressarem suas opiniões e percepções por meio de um vídeo documentário. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi baseada nos princípios da Educação Ambiental Crítica, uma vez que os atores sociais envolvidos foram abordados como fonte original de saber. Por meio de um diagnóstico foi traçado o perfil do público jovem do bairro e reconhecidas as percepções iniciais desses moradores pela região. A partir dessas informações foram desenvolvidas as demais etapas, que se estenderam ao longo de nove meses. Neste período, a pesquisadora se reuniu periodicamente com o grupo de jovens moradores locais para dialogar, debater ideias, trocar experiências e conhecimentos, realizando com eles diversas atividades socioambientais. Esses encontros, além de motivarem a reflexão, a autonomia e o protagonismo dos jovens, subsidiaram a elaboração pelo grupo do vídeo documentário, que apresenta aspectos socioambientais, históricos e culturais do bairro sob a ótica dos mesmos, sendo este o principal produto desta pesquisa. O vídeo foi divulgado para toda a comunidade local e disponibilizado em diversas mídias sociais. Além disso, foi aceito na 9ª Mostra do Circuito Tela Verde e será exibido em diversos lugares do país e do mundo. Ao final, foi possível concluir que as metodologias empregadas foram essenciais para fortalecer as relações dos jovens entre si e com o local onde vivem. Espera-se que os participantes deste estudo continuem protagonistas de sua própria história e que esta pesquisa sirva de inspiração para outros trabalhos semelhantes, a fim de engajar novos atores sociais na discussão de problemas socioambientais.

Palavras-chave: Pesquisas de Natureza Interventiva, Educomunicação, Educação Ambiental, Conservação, Jovens.

ABSTRACT

In research around environmental education and conservation, the great challenge for the researcher is the popularization of scientific knowledge and the engagement of people on socio-environmental issues, which requires a contextualized approach and strategies that involve values and social participation. For this, this study resorted to the principles of Action Research together with the Socio-environmental Educommunication and the Verde Perto methodology. The objective was to strengthen the bonds of belonging of young people in a rural neighborhood, located in the surroundings of the Ecological Station of Angatuba, with the place where they live and get them to express their opinions and perceptions by means of a documentary video. The research, of qualitative character, was based on the principles of Critical Environmental Education, since the social actors involved were approached as the original source of knowledge. Through a diagnosis was drawn the profile of the young public of the neighborhood and recognized the initial perceptions of these residents by the region. From this information the other steps were developed, which extended over nine months. In this period, the researcher met periodically with the group of young residents to dialogue, discuss ideas, exchange experiences and knowledge, carrying out various socio-environmental activities with them. These meetings, in addition to motivating the reflection, autonomy and the role of young people, have subsidized the elaboration by the group of the documentary video, which presents socio-environmental, historical and cultural aspects of the neighborhood under the optics of them, this being the main product of this research. The video was released to the entire local community and made available in various social media. In addition, it was accepted in the 9th show of Circuito Tela Verde and will be displayed in various places of the country and the world. In the end, it was possible to conclude that the methodologies employed were essential to strengthen the relationships of the young people with each other and with the place where they live. The participants of this study are expected to remain protagonists of their own history and that this research serves as an inspiration for other similar works, to engaging new social actors in the discussion of socio-environmental problems.

Key words: Action Research, Educommunication, Environmental Education, Conservation, Youngs.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP – Área de Proteção Permanente
COTEC – Comissão Técnico-Científica do Instituto Florestal
EA – Educação Ambiental
EE – Escola Estadual
EEcA – Estação Ecológica de Angatuba
ENCEA – Diretrizes para Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação
FLONA – Floresta Nacional
FPZSP – Fundação Parque Zoológico de São Paulo
MG – Minas Gerais
MS – Mapeamento Socioambiental
ONG – Organização Não Governamental
PNI – Pesquisas de Natureza Interventiva
PPGCFau – Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna
ProNEA – Programa Nacional de Educação Ambiental
RESEX – Reserva Extrativista
SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SP – São Paulo
TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UC – Unidade de Conservação
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

APRESENTAÇÃO

Este relatório apresenta a descrição detalhada de todas as atividades desenvolvidas durante o projeto da mestrandia Bruna Toricelli, aluna do Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna (PPGCFau), curso de Mestrado Profissional, iniciativa conjunta da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP).

Como previsto no regimento do Programa, o Trabalho Final de Conclusão do Mestrado Profissional pode ser apresentado de formas diferentes da tradicional dissertação, sendo, por exemplo, através do desenvolvimento de um produto, situação em que se enquadra este projeto. Porém, para cada forma incomum de apresentação, é requerido um “Relatório de Desenvolvimento do Trabalho Final”, onde deve ser descrito detalhadamente todo o procedimento adotado para a elaboração do mesmo.

Portanto, este documento traz uma breve introdução que contextualiza a pesquisa, a justificativa para a realização do projeto, os objetivos traçados, os referenciais teóricos nos quais a metodologia foi embasada, a descrição de todas as etapas e atividades realizadas durante o desenvolvimento do trabalho e seus consequentes resultados. Também apresenta uma descrição e as finalidades do principal produto deste projeto: o vídeo documentário, produzido por jovens da área de estudo, denominado “Expedição Campina dos Leites”. Por fim, expõe as considerações finais sobre todo o processo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. JUSTIFICATIVA	15
3. OBJETIVOS	16
3.1. Objetivo Geral	16
3.2. Objetivos Específicos	16
4. ABORDAGENS METODOLÓGICAS	17
4.1. Educação Ambiental Crítica	17
4.2. Pesquisas de Natureza Interventiva	18
4.3. Educomunicação socioambiental	23
4.4. Metodologia Verde Perto Educação	26
5. DELINEAMENTO DA PESQUISA	28
5.1. ETAPA I - DIAGNÓSTICO	29
5.1.1. Questionário	29
5.1.2. Entrevista com jovem líder do bairro	32
5.2. ETAPA II - DESENVOLVIMENTO	33
5.2.1. Oficina de produção e edição de vídeo	33
5.2.2. Encontros e atividades socioambientais	35
5.2.3. Produção do documentário	38
5.3. ETAPA III - ENCERRAMENTO	40
5.3.1. “Pré-estreia”	41
5.3.2. Avaliação do processo - Grupo focal	42
5.3.3. Elaboração da Logomarca	44
5.3.4. Apresentação do resultado à comunidade	46
6. PRODUTO FINAL	48
6.1. O DOCUMENTÁRIO “EXPEDIÇÃO CAMPINA DOS LEITES”	48
6.2. DIVULGAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	49
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
8. REFERÊNCIAS	52
APÊNDICE 1	55
APÊNDICE 2	56
APÊNDICE 3	57
APÊNDICE 4	58
APÊNDICE 5	60
APÊNDICE 6	68
APÊNDICE 7	72
ANEXO 1	86

1. INTRODUÇÃO

A Estação Ecológica de Angatuba

O estabelecimento de áreas protegidas é uma das estratégias mais utilizadas para a conservação da natureza, pois torna possível proteger e pesquisar espécies ameaçadas de extinção, raras ou endêmicas, ecossistemas e recursos naturais e garantir o acesso das gerações futuras a estes bens naturais (MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009).

A Estação Ecológica de Angatuba (EEcA) enquadra-se em uma categoria de Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral. As áreas protegidas incluídas nessa categoria possuem como objetivos a preservação da natureza, a realização de pesquisas científicas e a utilização com fins educacionais.

O local onde se encontra a EEcA era no passado uma antiga propriedade rural de criação de gado de corte, chamada Fazenda da Conquista. Em 1965, a Fazenda foi comprada pelo Governo do Estado de São Paulo para a criação da Floresta Estadual de Angatuba, em uma área de 2.590,15 ha. Já em 1985, foi criada a Estação Ecológica de Angatuba nas áreas da Floresta Estadual que não foram utilizadas para o reflorestamento com espécies exóticas, uma prática da época que visava diminuir o impacto à exploração de espécies nativas. Essas áreas, que somam 1.394,15 ha, foram ao longo dos anos sendo recuperadas naturalmente e hoje constituem um importante fragmento de vegetação natural dos biomas Mata Atlântica e Cerrado, apresentando alta diversidade de espécies da fauna e da flora, sendo o habitat de diversos animais nativos que se encontram nas listas oficiais de espécies ameaçadas de extinção (MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009).

A EEcA está localizada na região sudoeste do Estado de São Paulo, entre as cidades de Guareí e Angatuba. Sua zona de amortecimento é delimitada pelos rios e ribeirões que fazem divisa com a UC e os remanescentes de vegetação natural que formam as Áreas de Proteção Ambiental (APP). Ligadas aos limites imediatos da Floresta Estadual de Angatuba estão, ao norte e nordeste, propriedades pertencentes a empresas do setor florestal. Na porção sul e sudoeste estão instalados núcleos de uma granja de grande porte e áreas voltadas à agricultura anual, como trigo, soja e milho. Já nas porções sul/sudeste/leste, a zona de amortecimento compreende predominantemente

áreas de pastagem de pequenas e médias propriedades (MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009).

A importância da conservação da biodiversidade na EEcA

A EEcA preserva um importante fragmento de vegetação natural dos biomas Cerrado e Mata Atlântica, abrigando espécies representativas da fauna brasileira, dentre elas o mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) (Mikan, 1823) (SÃO PAULO, 2009), espécie endêmica do Estado de São Paulo.

O mico-leão-preto foi dado como extinto e redescoberto na década de 1970. Em 2014, a espécie foi declarada como Patrimônio Ambiental Paulista (DECRETO 60.519/14) e atualmente é classificada como “em perigo” na lista de espécies ameaçadas de extinção do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2009). A espécie é avistada com frequência na EEcA, porém são necessárias mais pesquisas no local.

Em 2015, Culot et al. reportaram o registro de uma nova área de ocorrência da espécie no município de Guareí, em local próximo à EEcA. Além de Angatuba e Guareí, confirmaram também a presença da espécie em dois outros municípios da região, Taquarivaí e Borebi. As observações diretas ocorridas em Guareí se deram após o uso de playbacks das vocalizações de mico-leão-preto. As três áreas de registro são localizadas próximas de populações já conhecidas. A ocorrência da espécie em paisagens de baixa cobertura vegetal, mas com a presença de matas ciliares, evidencia certa flexibilidade e elasticidade da população e ressalta o valor que estes habitats têm para a conservação desses animais. A confirmação das áreas de ocorrência e novos registros de populações de mico-leão-preto são a base para o êxito da conservação da espécie nestas localidades (CULOT et al., 2015).

Programa de Educação Ambiental da EEcA

Os Programas de Gestão da EEcA foram elaborados partindo das necessidades detectadas pela administração, por meio de oficinas realizadas com os funcionários, comunidade e lideranças locais. Dentre eles está o Programa de Educação Ambiental que tem como objetivos:

- Contribuir com a formação de comportamentos positivos nos moradores do entorno, visitantes e trabalhadores, de maneira a respeitar os princípios da Estação Ecológica de Angatuba;

- Envolver os diferentes setores e atores sociais, que incidem na Estação Ecológica e no seu entorno, de forma a contribuir com os objetivos de conservação da área protegida;

- Promover e divulgar as informações provenientes dos resultados das pesquisas realizadas na Estação Ecológica de Angatuba nos diferentes segmentos sociais (MONTEIRO; PRADO; DIAS, 2009).

Como resultado dessas ações, em 2014, teve início o projeto nº 0990_20132 da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, denominado “Censo do Mico-leão-preto *Leontopithecus chrysopygus* na Estação Ecológica de Angatuba (SP) agregado à educação ambiental”. Este projeto teve como objetivo a elaboração de um programa educativo para conservação do mico-leão-preto voltado aos moradores das propriedades rurais limítrofes na zona de amortecimento da EECa, locais em que a espécie é avistada com frequência. O Programa contou com o desenvolvimento de palestras ilustrativas, exposição de painéis informativos e atividades educacionais e lúdicas, utilizando ferramentas como pôsteres e camisetas, de maneira a criar um vínculo dos participantes com o projeto. Além disso, contribuiu para gerar mais informações sobre a presença da espécie na região.

Esse relacionamento positivo construído na elaboração do Programa de Educação Ambiental voltado à conservação do mico-leão-preto foi fundamental para que o mesmo pudesse ser desenvolvido continuamente pela direção da Estação Ecológica de Angatuba com o apoio da comunidade local, a partir de um planejamento integrado das ações da Estação Ecológica (GARCIA; PRADO, 2015).

O Bairro dos Leites

O Bairro dos Leites, situado na zona rural da cidade Angatuba, município do sudoeste do estado de São Paulo, está localizado na zona limítrofe da EECa e à margem do Rio Guareí. Foi fundado ainda na época das Sesmarias, por descendentes da família “Leite de Meira”, que criaram a então conhecida

Sesmaria dos “Meiras”. A área possuía plantações de milho e pastagem, que serviam de local de descanso a tropeiros que ali passavam, ficando também conhecido como bairro “Bom Retiro” (LISBOA, 2002).

Coronel Benedito Leite de Meira e sua esposa Nhá Gabriela foram importantes nomes no desenvolvimento tanto do Bairro dos Leites, como da cidade de Angatuba. Lá criaram dez filhos e inúmeros parentes e afilhados. A família, juntamente com agregados e escravos, rumou a nordeste em busca de novas terras, parando numa planície chamada “Águas do Pinheirinho”. Ali se estabeleceram numa campina que ia da cabeceira do Ribeirão dos Macacos, do Rio Guareí, até a cabeceira do Ribeirão do Sargento. Assim foi fundada a “Campina dos Leites”, região atualmente conhecida como Bairro dos Leites. A história do Bairro é contada e cantada nas modas de viola que expressam o modo de vida da cultura caipira, valorizando os costumes e as tradições da comunidade rural, tendo em Emiliano Leite o principal propagador do fandango, dança muito comum na região (LISBOA, 2002).

Atualmente o Bairro é formado por pequenas propriedades rurais onde, embora o uso da terra seja diversificado, visando o consumo próprio, fica em evidência a opção pela criação do gado leiteiro e comercialização de leite para geração de renda familiar (GARCIA; PRADO, 2015).

Em pesquisa realizada em 2015 foi evidenciado o perfil do público morador da região, onde as famílias são lideradas por uma figura masculina responsável pelo sustento dos demais. Dos chefes de família que participaram da pesquisa a maioria não chegou a concluir o ensino fundamental e poucos concluíram o ensino médio (GARCIA; PRADO, 2015).

2. JUSTIFICATIVA

A Estação Ecológica de Angatuba preserva um importante fragmento de vegetação natural dos biomas Cerrado e Mata Atlântica, abrigando espécies representativas da fauna brasileira, dentre elas o mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*) (Mikan, 1823) (SÃO PAULO, 2009), espécie endêmica do Estado de São Paulo e ameaçada de extinção. Este fator mostra-se de grande importância quando se pensa que a responsabilidade pela conservação da biodiversidade local não se concentra apenas sobre a Unidade Gestora da área, mas depende também do envolvimento socioambiental da comunidade, especialmente das pessoas que residem no seu entorno.

Em pesquisa realizada em 2015, foram feitas entrevistas com 12 proprietários de imóveis situados na zona de amortecimento da UC. A pesquisa mostrou dados bastante interessantes, entre eles a faixa etária dos proprietários, que evidenciou a predominância de pessoas com idades entre 63 a 81 anos e entre 40 a 47 anos. Outra informação relevante obtida foi quanto à origem dos imóveis: dos 12 imóveis, somente um havia sido adquirido por compra, sendo todos os restantes frutos de herança familiar. Chama atenção também a naturalidade dos 12 entrevistados, onde somente um não nasceu na região. Todas essas informações reforçam a ideia de que os moradores apresentam uma forte relação com o local onde vivem e um sentimento de respeito pelas terras que estão na família há anos (GARCIA; PRADO, 2015).

Diante deste contexto e da necessidade de conservação da biodiversidade na região, fica a dúvida de qual será o futuro dessas propriedades, visto que essas terras são de grande interesse econômico para empresas que possuem seus negócios nas proximidades. Ainda, a percepção dos herdeiros desses imóveis quanto ao uso da terra e a importância da área adjacente a ela era desconhecida até o momento uma vez que eles não foram contemplados na pesquisa anterior. Muitos desses herdeiros já não moram mais na região, porém outros ainda estão em idade escolar e residem no município, tornando-se eles então o foco deste estudo.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Este trabalho teve como objetivo principal fortalecer os laços de pertencimento da comunidade jovem de um bairro rural do município de Angatuba com o local onde vivem.

3.2. Objetivos Específicos

- Conhecer o perfil dos jovens moradores do Bairro dos Leites;
- Compreender a percepção desses jovens quanto ao local onde vivem, a biodiversidade da região e a EEcA, comparando-a com a percepção de moradores mais antigos;
- Desenvolver atividades socioambientais visando aproximar a comunidade do entorno, especialmente os jovens, de assuntos relacionados à conservação da biodiversidade, ao bairro e à EEcA;
- Levar os jovens a expressarem suas percepções sobre o local onde vivem por meio da produção de um vídeo, em formato de documentário;
- Utilizar e disponibilizar o vídeo produzido pelos jovens em ações educativas e de difusão;
- Motivar a ação de novos atores sociais.

4. ABORDAGENS METODOLÓGICAS

4.1. Educação Ambiental Crítica

Quando se trata de projetos de Educação Ambiental (EA) deve-se basear a prática em referenciais no quais se acredita serem ideais em tal esfera. Para isso, este projeto se fundamentou nos princípios da EA crítica, pois defende-se uma educação democrática e libertária onde, no Brasil, a principal referência a este tipo de educação é Paulo Freire, que durante sua vasta obra defendia a educação como formadora de sujeitos sociais emancipados, autores de sua própria história.

Assumindo essa frente teórica, os autores se posicionam quanto ao caráter político pedagógico da educação, uma vez que as ações desempenhadas pretendem transformar o sujeito e a sociedade. Assim, a EA Crítica se difere da EA Conservadora, quando acrescenta a particularidade de compreender as relações sociedade-natureza e intervir sobre os problemas e conflitos ambientais (CARVALHO, 2004a).

Apesar da consistente diferença presente entre a EA Crítica e a EA Conservadora, muito autores discutem sobre a diversidade de vertentes e correntes encontradas na EA realizada no Brasil. Sauv  (2005)   uma delas, a autora propõe a existência de 15 tendências de EA, sendo elas: naturalista, conservacionista, resolutiva, sist mica, científica, humanista, moral/  tica, holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, eco educa o e sustentac o e da sustentabilidade. Porém,   importante ressaltar que apesar das diferentes concep es e linhas metodológicas,   possível a coexistência dessas inúmeras práticas em uma única a o educativa e até mesmo em um único indivíduo. A conexão e o diálogo entre as diferentes vertentes tornam-se importante quanto a multiplicidade do ser e das a es (CARVALHO, 2004a).

Para Guimarães (2004) a EA Crítica, objetiva-se por promover espaços de participa o em movimentos coletivos de transforma o da realidade socioambiental, num exercício de cidadania ativa.

Ainda pensando numa práxis transformadora, este projeto teve por objetivo despertar a cria o de novos atores sociais, o que Carvalho (2004b) chama de "*forma o do sujeito ecológico*", onde as atividades contribuem para

a mudança de valores e atitudes, formando indivíduos ou grupos capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões ambientais.

Partindo do objetivo deste trabalho para a metodologia, foi formado um grupo de jovens que se reunia periodicamente para dialogar, debater ideias, trocar experiências e conhecimentos, criando um espaço emancipador, onde os envolvidos se percebiam como sujeitos complexos situados social e historicamente. Desta forma, pôde-se exercitar a coletividade da EA, quanto ao perceber-se como um sujeito capaz de realizar mudanças a nível macrossocial, relacionando indivíduo e sociedade como corresponsáveis pelo próximo e pelo ambiente (CARVALHO, 2004a). Guimarães (2004) vai além deste ideal ao dizer que a EA crítica não é um processo individual e sim coletivo, através de uma práxis que propicia ao indivíduo vivenciar a relação com o coletivo, dando elementos que exercitam uma nova visão de mundo, uma visão de realidade complexa, assim como os sujeitos inseridos nela.

Diante do descrito, esta pesquisa se enquadra nos princípios da Educação Ambiental Crítica quanto à criação de um espaço de participação social onde foram desenvolvidas atividades com o objetivo de contribuir para a modificação de valores e atitudes.

4.2. Pesquisas de Natureza Interventiva

Todo processo investigativo deste trabalho foi realizado concomitantemente à prática, que contemplou diversas atividades socioambientais e a produção de um vídeo documentário. Essa modalidade de investigação não significa a ausência de um planejamento e de objetivos bem delineados, mas sim que cada ação foi investigada, realizada, discutida e avaliada entre os atores sociais envolvidos e a pesquisadora. Assim, a metodologia deste projeto não se caracteriza como pesquisa convencional, mas sim como um modelo alternativo de pesquisa social. Para isso, o termo “*Pesquisas de Natureza Interventiva*” (PNI) será usado ao decorrer do trabalho para definir uma multiplicidade de modalidades de pesquisa que articulam a investigação e a produção de conhecimento, através de ações e processos interventivos (TEIXEIRA; NETO, 2017).

Teixeira e Neto (2017) definem as PNI's como práticas que conjugam processos investigativos ao desenvolvimento concomitante de ações que podem assumir natureza diversificada. Os autores ainda salientam a definição da palavra “intervenção” que neste caso não assume o sentido negativo de intromissão intrusa e autoritária a grupos, pessoas e instâncias sociais. Nesta, a intervenção é adotada em seu caráter positivo e altruísta, assim como nos casos de intervenções cirúrgicas, que tem por objetivo livrar os pacientes de seus problemas de saúde, e nos casos de intervenções humanitárias, que mitigam e aliviam a situação de sofrimento que afeta populações atingidas por desastres ambientais, guerras, etc.

A princípio pensava-se que este trabalho se caracterizaria como pesquisa-ação, devido à contemplação de diversos objetivos que permeiam esta modalidade de investigação, porém, a ampla difusão do termo favoreceu para que este se descaracterizasse e enfraquecesse sua terminologia, contribuindo, assim, para uma confusão conceitual acerca do termo (TEIXEIRA; NETO, 2017). Portanto, ao considerar que uma única pesquisa pode embasar-se em diversos moldes metodológicos, inclusive em objetivos que coexistem em inúmeras terminologias, serão descritas a seguir as modalidades e objetivos nos quais este trabalho inspirou suas práticas.

As metodologias participativas, inauguradas em ações políticas de pesquisa social no século XIX e agregadas no século XX ao campo da educação, entendem a participação como o cerne do processo educativo. Participar trata-se de um seguimento que promove a interação entre diferentes atores sociais na definição do espaço comum, mas com um objetivo coletivo. Nessas interações, ocorrem relações de poder que incidem e se manifestam em diferentes níveis em função dos interesses, valores e percepções dos envolvidos. Com característica freiriana (1987), participar é promover a cidadania, entendida como a construção do “sujeito histórico” oprimido, pois desenvolve a capacidade de o indivíduo ser “senhor de si mesmo”. Para isto, é preciso libertar-se de certos condicionamentos políticos e econômicos (LOUREIRO, 2004).

De objetivos semelhantes às chamadas metodologias participativas, Brandão (2005, p. 260) baseia-se nas ideias dos mexicanos, Luis Gabarron e Libertad Landa, para listar uma série de princípios de ação social da pesquisa

participante. Nove deles foram selecionados por tratarem de princípios que foram fortemente considerados nesta pesquisa. São eles:

- O ponto de origem da pesquisa participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, mesmo que a ação seja local e parcial, nunca se deve perder de vista as integrações e interações que compõem o todo das estruturas e das dinâmicas desta mesma vida social;
- Deve-se partir da realidade *concreta* do dia-a-dia dos indivíduos e ou coletivos participantes do processo, em suas diferentes dimensões e interações;
- Os processos e as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua *dimensão histórica*, pois é o acontecer da vida no decorrer da história que explica as interações que chamamos de realidade social;
- A relação tradicional de sujeito-objeto entre investigador e os grupos populares são gradualmente convertidas em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir da ideia de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber;
- Deve-se partir sempre da busca de unidade entre a teoria e a prática, e construir e reconstruir a teoria a partir de uma sequência de práticas refletidas criticamente;
- A participação popular comunitária dá-se, preferencialmente, através de todo o processo de investigação-educação-ação. De uma maneira crescente, a equipe responsável pela realização de pesquisas participativas deve incorporar e integrar agentes assessores e agentes populares;
- O compromisso social, político e ideológico do investigador é com a comunidade, o propósito de uma ação social de vocação popular é a autonomia de seus sujeitos na gestão do conhecimento e das ações sociais dele derivadas;
- A pesquisa participante é um momento de trabalho de educação popular realizado junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais. É do constante diálogo não doutrinário. Uma verdadeira pesquisa

participante cria solidariamente, mas nunca impõe partidariamente conhecimentos e valores;

- A investigação, a educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à transformação social.

Apesar desses objetivos serem comumente citados em trabalhos de pesquisas sociais, sua contribuição à prática ainda é falha quando comparada à teoria (BRANDÃO, 2005).

Atualmente são inúmeras as alternativas para denominar pesquisas que ressaltam o âmbito inovador às abordagens baseadas no conhecimento científico através do trabalho coletivo junto à saberes sociais. A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental é uma delas. Ela propõe uma modalidade de investigação dos problemas ambientais expressivos para um determinado grupo social, que, ao invés de se entrevistar moradores para identificar os problemas, analisá-los somente em meio a pesquisadores e concluir sobre causas e suas soluções, se investe esforços na formação de um grupo que participa ativamente nesta investigação, identifica, compreende, cria e propõe, junto aos pesquisadores, soluções mais adequadas ao enfrentamento coletivo desses problemas (TOZONI-REIS, 2005).

Assim, os fundamentos da pesquisa científica sob a metodologia da pesquisa-ação-participativa referem-se, principalmente, a necessidade de superar o modelo dicotômico de ciência que se fundamenta na separação dos saberes: científico e o popular, teoria e prática, conhecer e o agir, neutralidade e a intencionalidade. Esse tipo de pesquisa refere-se à possibilidade de radicalizar a participação dos sujeitos, valorizando suas experiências sociais a ponto de tomá-las como ponto de partida e de chegada na produção de conhecimentos para a educação ambiental (TOZONI-REIS, 2005).

Tomando as PNI's como uma matriz abrangente de diversas modalidades de investigação, inclui-se a Pesquisa-Ação, como uma pequena fração das possíveis práticas nelas aglutinada. Thiollent (2000) destaca que na pesquisa-ação, participantes e pesquisadores estão envolvidos de forma participativa e colaborativa. Nesta modalidade o problema de pesquisa nasce de um contexto específico, pela tomada de decisões de um grupo, buscando superar suas demandas. Na pesquisa-ação, a coleta de dados utiliza-se de instrumentos semelhantes da pesquisa clássica, porém prefere instrumentos mais interativos,

que permitam o diálogo entre os sujeitos sociais envolvidos. Já na análise dos dados obtidos na investigação, eles são repassados ao grupo como forma de detectar possíveis alterações que enriqueçam e auxiliem no processo de superação dos problemas expostos anteriormente.

Pelo fato de ser o termo mais utilizado nesse aglomerado de linhas alternativas de investigação, a pesquisa-ação apresenta uma polissemia em torno de si, ora apresentando ideias diferentes e convergentes e ora desiguais e até mesmo divergentes (BRANDÃO, 2005). Talvez, parte da confusão acerca da pesquisa-ação se deve ao uso indiscriminado do referido “rótulo”, numa tentativa de aplicá-lo a todo e qualquer projeto que envolva pesquisa caminhando junto com intervenção (TEIXEIRA; NETO, 2017).

Diante do exposto, as PNI's estiveram fortemente representadas neste trabalho onde os sujeitos sociais foram abordados dentro de sua realidade sócio histórica e identificados como fonte original de saber, bem como na relação igualitária e não doutrinária construída entre a pesquisadora e os jovens participantes.

Ainda durante a fase de desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma atividade de Aprendizagem Social definida por Bacci, Jacobi e Santos (2013. p. 227) da seguinte maneira:

A Aprendizagem Social contribui como proposta norteadora para a intervenção conjunta dos atores locais e disseminação de metodologias e atividades colaborativas em diagnósticos socioambientais. Tem como princípios o envolvimento ativo, a consulta e o acesso público à participação. Diversas ferramentas participativas foram desenvolvidas e vem sendo aplicadas dentro dos princípios da Aprendizagem Social, como: construção de agendas socioambientais locais, pesquisa-ação; jogos de papéis, world café; monitoramento participativo dos riachos e mapeamento socioambiental como (re)conhecimento local, aplicados em diferentes contextos e com grupos diferentes de atores sociais, visando sempre elaborar um diagnóstico participativo da realidade socioambiental para melhoria da qualidade de vida.

Também pautado na participação, o Mapeamento Socioambiental (MS) é uma metodologia na qual se constrói um mapa local a partir da visão dos sujeitos sociais que ali convivem. Trata-se de uma ferramenta interativa e dinâmica, que é construída e reconstruída coletivamente, com o objetivo de problematizar a realidade mapeada. O mapa como representação gráfica espacial local, torna-se uma ferramenta de diálogo, na qual os sujeitos sociais se baseiam para

diagnosticar problemas socioambientais presentes no lugar onde vivem, tendo como objetivo a melhoria da qualidade de vida local (BACCI; JACOBI; SANTOS, 2013).

A primeira etapa do MS consiste na elaboração do mapa mental, realizado antes da ida a campo, um percurso memório-sensorial é traçado mentalmente. Feito isso, passa-se para a segunda etapa, que é a confecção prática do MS local, que visa o levantamento de diversos fatores socioambientais encontrados no percurso em campo, fatores estes que serão essenciais para o diagnóstico da realidade local, como: cursos d'água, áreas verdes, regiões desmatadas, ruas, lixões, casas, comércios, etc, esses aspectos são registrados em anotações contendo símbolos e legendas. Após percorrido o percurso dá-se início à elaboração do mapa síntese, no qual o grupo de envolvidos nesta atividade compartilha as diferentes percepções e problemas observados individualmente durante a ida a campo, construindo-se assim o mapa coletivo, este qual embasará a discussão plural e reflexiva entre os sujeitos sociais envolvidos, contemplando deste modo a etapa três. Por último, é realizada a etapa quatro, a elaboração do mapa propositivo, este trata-se do resultado do processo de diálogo reflexivo e coletivo entre diversos atores sociais, neste, são apresentadas propostas mitigatórias aos problemas socioambientais levantados durante a atividade e apresentadas no mapa síntese, essas propostas devem conter responsabilidade individuais e coletivas que visam o bem-estar da comunidade como um todo (BACCI; JACOBI; SANTOS, 2013).

4.3. Educomunicação Socioambiental

Com o objetivo de incentivar os jovens a produzirem um vídeo documentário, esta pesquisa inspirou-se nos princípios e ideais da educomunicação.

Novamente, o pioneiro da educação libertária em nosso país, Paulo Freire em 1969, em seu livro, primeiramente escrito em espanhol, “*Extención o Comunicación?*” já traçava indícios da necessidade de um campo ideológico que interligasse os saberes da educação e da comunicação. Nele, a comunicação é tratada como um componente do processo educativo, uma vez que o *modus operandi* refere-se a uma relação estratégica, entre a comunicação e a

educação, através do agir. O mesmo conceito foi expresso por Kaplún (1999) “para quem a ‘Comunicação Educativa’ existe para dar à educação métodos e procedimentos para formar a competência comunicativa do educando” (SOARES, 2000).

Através destes dois pensadores, o professor Ismar de Oliveira Soares cunhou o termo Educomunicação no Brasil quando explica que não basta à educação ter a comunicação como instrumento. Ele defende que a comunicação deve fazer parte da estrutura processual da educação, e propõe: “Educar pela comunicação e não para a comunicação”. Soares (2011) afirma a necessidade de relacionar a educação com a comunicação, mantendo os valores básicos de cada uma, formando-se a área da educomunicação, a qual refere-se à uma formação cidadã emancipatória, superando a sociedade unicamente preocupada com o consumo.

Ainda assim, para Soares (2000 apud MIRANDA, 2006) a educomunicação é mais complexa que apenas a união de duas áreas. E acrescenta, a educomunicação visa facilitar a produção e difusão da informação, promover a interatividade dos processos de ensino-aprendizagem e fornecer os referenciais teóricos e metodológicos necessários à produção cultural a fim de democratizar o sistema massivo de meios de comunicação.

Por ora, a juventude acaba sendo o foco principal de trabalhos educacionais, segundo Soares (2011), pois considera-se esse público como categoria com poder de mudança econômica, política e sociocultural. Os jovens formam um grupo numeroso, caracterizado pela diversidade. As tecnologias da comunicação acabam despertando fascínio sobre este grupo cultural, tornando, portanto, uma estratégia atrativa para uso deles no processo educativo.

Já a Educomunicação, acrescentada do adjetivo Socioambiental, é uma nova expressão que vem ganhando espaço no campo da Educação Ambiental. Trata-se de um conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo diálogo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A dimensão pedagógica da Educomunicação Socioambiental tem foco no “como” se geram os saberes e “o que” se aprende com a produção cultural, a interação social e com a natureza. Assim, a Educomunicação Socioambiental aproxima o campo da Educação

Ambiental à perspectiva de uma comunicação popular educadora, autônoma e democrática (BRASIL, 2008).

Recriado em 2003, o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) adota, como uma de suas linhas de ação, a “Comunicação para a Educação Ambiental” e a descreve como: “produzir, gerir e disponibilizar, de forma interativa e dinâmica, as informações relativas à Educação Ambiental”. Porém, entre 2006 e 2007, após muitas discussões, com a colaboração de mais de 60 pesquisadores e profissionais que sistematizaram a linha de ação do ProNEA, foi então criada uma proposta que agrega à comunicação ambiental valores pedagógicos, dialógicos, participativos e autônomos, nascendo assim a educomunicação socioambiental (BRASIL, 2008).

A Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação (ENCEA) é voltada ao (re)conhecimento, valorização, criação e implementação das Unidades de Conservação Federais, Estaduais e Municipais, conforme previsto no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Sua essência está nos processos inclusivos de participação social na gestão ambiental e no fortalecimento da cidadania, oportunizados pelos espaços participativos e meios de comunicação que proporcionam criticidade e tomada de decisão consciente pelas comunidades sobre as UCs. A ENCEA tem como objetivo fortalecer e estimular a elaboração de ações de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação, Corredores Ecológicos, Mosaicos e Reservas da Biosfera, em seu entorno e nas zonas de amortecimento, promovendo a participação e o controle social nos processos de criação, implantação e gestão destes territórios, e o diálogo entre os diferentes sujeitos e instituições envolvidos (BRASIL, 2010).

Na ENCEA a educomunicação aparece como oficinas de capacitação, onde “pressupõe a formação de pessoas para utilizarem a comunicação como ferramenta de intervenção da realidade em que vivem, produzindo seus próprios canais de comunicação, de forma coletiva”. Ao pesquisar, escrever, fotografar, filmar, entrevistar pessoas para as mais diversas ferramentas midiáticas – do livro ao vídeo, passando pelo áudio e pelos jornais – estes participantes podem ter acesso a um conhecimento que não teriam com tanta facilidade; ganham mais propriedade sobre os temas que desejam tratar em suas ferramentas de comunicação e trazem esse debate para instâncias coletivas, como o próprio

conselho das UCs. O campo da educomunicação avança ao apresentar propostas metodológicas que conectam os objetivos de garantir a expressão comunitária por meio de veículos de comunicação construídos pelos próprios moradores locais, se mobilizam pessoas, se faz circular conhecimento e se abre canais de diálogo (BRASIL, 2013a).

Os princípios da educomunicação, foram considerados nesta pesquisa no âmbito de incentivo ao protagonismo juvenil, na autonomia e na produção democrática de conteúdos midiáticos, através da elaboração de um vídeo documentário que retrata o bairro dos Leites sob a ótica dos jovens moradores locais.

4.4. Metodologia Verde Perto Educação

Por meio do curso “Educação Ambiental e Comunicação nas Unidades de Conservação”, oferecido pelo Ministério do Meio Ambiente em 2016, a pesquisadora entrou em contato com a metodologia Verde Perto Educação, desenvolvida especialmente para o público juvenil, a qual foi utilizada, com algumas adaptações, como base metodológica para esta pesquisa.

A Verde Perto Educação, é uma metodologia de educação ambiental desenvolvida em 2007, na cidade de Conselheiro Lafaiete – MG, elaborada através de uma parceria entre alunos do segundo ano do ensino médio e integrantes de uma ONG socioambiental (RODRIGUES; PEREIRA, 2008).

Esta metodologia se fundamenta em três pilares: protagonismo juvenil, transdisciplinaridade e educação lúdica. O protagonismo juvenil parte da ideia dos próprios jovens sugerirem as atividades a serem realizadas. A transdisciplinaridade trata da pluralidade dos temas abordados, porém de forma integrada. Já a educação lúdica, seria um meio de atrair o jovem para os encontros e estimular sua frequência concomitantemente com sua participação ativa (BRASIL, 2013b).

Inspirada na teoria das inteligências múltiplas de Gardner (1994), na complexidade ambiental de Leff (2003), na educação para o futuro de Morin (2002, 2005) e na pedagogia da autonomia de Freire (1998), a metodologia Verde Perto Educação busca trazer aos participantes reflexões sobre a interação do homem com o meio ambiente, associando saberes técnicos, científicos,

artísticos, culturais, históricos, geográficos e jurídicos (RODRIGUES; PEREIRA, 2008).

Intercalando atividades teóricas e práticas, a metodologia propõe a realização de atividades lúdicas ligadas ao tema trabalhado, com a finalidade de atrair os jovens para a participação e de fazê-los retornar ao projeto, uma vez que em um processo de educação não formal “vai quem quer e volta quem gostou” (BRASIL, 2013b).

A primeira experiência de aplicação da metodologia Verde Perto Educação ocorreu no projeto “Jovens como Protagonistas do Fortalecimento Comunitário” realizado nas Unidades de Conservação Federais Resex do Baixo Juruá, Resex do Rio Jutai e Flona Tefé, todas no estado do Amazonas, entre 2011 e 2012. O projeto tinha por estratégia aproximar os jovens residentes no entorno das UC's e demonstrar, por meio de gestão participativa, as possibilidades de ação e atuação educacional, profissional e social. Tendo por meta incluir educação para conservação, ciência, artes, protagonismo juvenil e empoderamento das ações comunitárias na vida dos jovens, o projeto motivava os sujeitos sociais a vivenciarem seu ambiente natural, cultural, social, histórico e político sob as perspectivas da conservação ambiental, do conhecimento científico, do fortalecimento comunitário, da ação cidadã, da educação ambiental, da participação e das artes (BRASIL, 2013b).

Deste modo, esta pesquisa se pautou no exemplo de sucesso obtido pela metodologia Verde Perto nos projetos realizados nas UC Federais. Durante os encontros foram realizados jogos e dinâmicas a fim de tornar um ambiente atrativo, mas também produtivo aos jovens envolvidos.

5. DELINEAMENTO DA PESQUISA

Em relação ao delineamento e etapas desta pesquisa, foram utilizados instrumentos de coleta de dados e técnicas teórico-metodológicas das ciências sociais, uma vez que os objetos de estudo “possuem capacidade de reflexão e interpretação”, diferentemente do que acontece nas pesquisas de ciências naturais (OLIVEIRA, 2008). A metodologia empregada foi baseada em uma perspectiva qualitativa e nos referenciais teóricos citados neste documento, entretanto, algumas ações foram tomando forma e conseqüentemente, características próprias, com o estreitar da relação pesquisadora–público-alvo.

Quanto à área de estudo, todas as atividades foram realizadas na cidade de Angatuba, interior do estado de São Paulo, sendo a maior parte delas desenvolvida no Bairro dos Leites, localizado na zona rural do município, em região limítrofe à Estação Ecológica de Angatuba. Porém, algumas ações foram desenvolvidas em outros locais, como em duas escolas estaduais da cidade, E. E. Prof. Orestes Oris de Albuquerque e EE Ivens Vieira, e na própria EEcA. Em relação ao público-alvo, este foi constituído por jovens moradores do Bairro dos Leites, com idades entre 12 e 21 anos.

Por tratar-se de uma pesquisa com seres humanos, o projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética “Plataforma Brasil”, com o qual a Universidade tem parceria. Todos os participantes desta pesquisa firmaram em duas vias o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1) e, no caso dos participantes menores de dezoito anos, além de um responsável ter assinado o TCLE, o menor preencheu outro documento, o Termo de Assentimento para Menores (Apêndice 2). Além disso, todos aqueles presentes nas imagens do documentário assinaram o Termo de Autorização de Uso de Imagem (Apêndice 3). Vale ressaltar ainda que este projeto também foi submetido e aprovado pela Comissão Técnico-Científica do Instituto Florestal (COTEC) que faz a gestão de projetos de pesquisa nas Unidades de Conservação e áreas protegidas do estado de São Paulo.

A pesquisa foi dividida em três etapas principais, que contemplaram diferentes objetivos e atividades, sendo elas: diagnóstico, desenvolvimento e encerramento, conforme detalhado a seguir.

5.1. ETAPA I - DIAGNÓSTICO

Como já mencionado anteriormente, o público-alvo do trabalho foram os jovens moradores do Bairro dos Leites. Porém, somente após a realização da fase de diagnóstico foi possível traçar o perfil destes jovens, visto que os mesmos não haviam sido considerados na pesquisa realizada em 2015 no bairro.

Para isso, foram realizados dois levantamentos de caráter qualitativo, o primeiro através da aplicação de um questionário estruturado para todos os alunos de ensino médio de duas escolas estaduais de Angatuba, e o outro por meio de uma entrevista semiestruturada com uma jovem líder local, que foi apresentada à pesquisadora por intermédio da gestora da EEcA.

O objetivo da fase de diagnóstico foi conhecer o perfil desses jovens moradores e compreender a relação deles com a área em que vivem e com a EEcA. Os dados coletados foram comparados aos resultados de entrevistas realizadas em trabalhos anteriores com moradores mais antigos, visando compreender as diferentes percepções dos moradores e relacioná-las à idade e experiências vivenciadas no local, e também foram utilizados para subsidiar o planejamento das demais etapas do projeto.

5.1.1. Questionário

O questionário foi aplicado a todos os alunos do Ensino Médio das escolas E.E. Prof. Orestes Oris de Albuquerque e E.E. Ivens Vieira, porém foram selecionados e analisados sete questionários, os quais foram preenchidos pelos jovens moradores do Bairro dos Leites, uma vez que estes faziam parte do nosso grupo de interesse. O instrumento foi aplicado a todos os estudantes com o objetivo de levantar dados que podem embasar futuras atividades desenvolvidas por outros pesquisadores e também para viabilizar a seleção dos jovens que participariam da oficina de edição e produção de vídeo oferecida pela EEcA e que será descrita na etapa seguinte.

O questionário continha 21 perguntas divididas em três temas: *“sobre o lugar onde você mora”*, *“sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais”* e *“sobre você”* (Apêndice 4). Após a coleta destes dados, foram

selecionadas e analisadas as respostas do público de interesse, as quais são apresentadas em cópias no Anexo 1.

Com isso foi possível obter dados muito importantes que nortearam as etapas seguintes do projeto, contribuindo para identificação do perfil dos jovens moradores da região e para o planejamento das atividades socioambientais. Nas respostas obtidas, foi possível definir a faixa etária do público-alvo, que variou de 12 a 21 anos. Pode-se também compreender o conhecimento prévio dos jovens sobre alguns conceitos ambientais, como biodiversidade e conservação, por exemplo, que indicaram um conhecimento satisfatório sobre tais assuntos, provavelmente pela estreita relação que estes jovens apresentam com a natureza devido ao local onde vivem.

Além disso, foi possível conhecer quais atividades eles costumam fazer em seu tempo livre no bairro e suas preferências, como na pergunta “*O que você gosta de fazer no seu tempo livre?*”, para a qual tivemos como principais respostas “*Andar a cavalo, ir a cachoeira, mexer no celular e acessar a internet*”.

Assim, os dados coletados por meio do questionário contribuíram para refinar a metodologia que seria empregada na etapa seguinte, já que um dos maiores desafios para a educação não formal é despertar o interesse sobre o aprendizado, gerando a participação e o engajamento dos envolvidos (BRASIL, 2013b).

Outras informações foram obtidas através do convívio da pesquisadora com os jovens, como por exemplo, o gosto pela prática cultural do fandango, dança típica da região e tradição presente na família dos jovens participantes há anos, e o envolvimento deles em grupos relacionados à religião católica, como grupos de jovens da igreja e grupos de oração.

Ao todo, sete jovens moradores do Bairro dos Leites preencheram o questionário, porém nem todos participaram assiduamente dos encontros realizados na etapa seguinte. Contudo, foi estabelecido um grupo fixo de cinco jovens que estiveram presentes e colaboraram ativamente em todas as etapas do projeto, dentre eles três moravam no bairro desde o nascimento, uma era moradora de um bairro vizinho e a outra, também moradora do bairro, era a líder local.

Um dos objetivos desse diagnóstico foi confrontar os dados obtidos com os resultados de entrevistas realizadas em trabalhos anteriores com moradores

locais mais antigos. Para isso, durante a elaboração das perguntas, consideramos também algumas questões levantadas nas pesquisas anteriores, pois assim pudemos comparar as percepções de moradores de faixas etárias distintas e que convivem num mesmo contexto, diante de determinados assuntos.

Na pesquisa realizada em 2015, quando perguntado aos moradores o que poderiam fazer para auxiliar na conservação da natureza eles responderam em ordem decrescente de frequência de respostas: conservar as matas das propriedades, coibir a caça, plantar árvores nas nascentes, reciclar e não fazer queimada. Quanto aos jovens as respostas não divergiram significativamente, tendo como categorias para essa questão: destinar corretamente o lixo (6), cuidar das árvores (2), não maltratar os animais (1), ter cuidado com produtos químicos (1), cuidar dos corpos d'água (1) e não agredir a natureza (1). Os jovens mostraram preocupação com o lixo, ao afirmarem que o cuidado com o resíduo pode ser uma maneira de proteger a natureza, resposta semelhante a obtida na pesquisa anterior, quando os moradores mais antigos citam a prática da reciclagem. Acredita-se que o fato dos jovens mencionarem a problemática do lixo esteja relacionado à escola, onde o tema é bastante discutido. Outro aspecto que chama a atenção é que os jovens não mencionaram a caça, diferentemente dos adultos.

Quando perguntado aos moradores adultos sobre a função da EECA, a maioria atribuiu aspectos referentes à conservação da fauna e flora e associaram a proteção das matas com a “produção” de água. Na percepção dos jovens, a função da UC também estava relacionada com a conservação do meio ambiente, entretanto nenhum dos participantes fez essa relação com a questão da água. Em outra pergunta que se referia diretamente à água, questionando a origem do abastecimento em sua residência, a maioria dos jovens respondeu que o recurso era proveniente de uma mina localizada na própria propriedade, o restante citou o abastecimento a partir de poço artesiano. Quanto aos adultos, a maioria também menciona que possui nascentes em suas propriedades, sendo que somente um entrevistado relatou não possuir, fato que reforça a riqueza de água na região e, conseqüentemente, a preocupação dos moradores com este recurso. Ainda sobre a água, nos dados coletados com os diferentes grupos e inclusive durante a elaboração do vídeo pelos jovens e nas atividades

socioambientais realizadas, a associação do plantio de eucalipto comercial com a escassez de água na região aparece com bastante frequência. Isso evidencia que esse assunto faz parte do cotidiano dos moradores locais e que apesar de não se ter confirmado os fatores que têm contribuído efetivamente para a escassez do recurso, eles já escolheram o “vilão da história”.

5.1.2. Entrevista com jovem líder do bairro

A fim obter dados mais aprofundados sobre certos assuntos abordados no questionário, foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma jovem líder local. A mesma teve 15 minutos de duração, foi transcrita e é apresentada na íntegra no Apêndice 5.

A jovem possui 21 anos, é natural da cidade de Angatuba, apresenta formação técnica em silvicultura e é membro atuante no Conselho Consultivo da EEcA e da comunidade do bairro.

Durante a entrevista, ela ressaltou o interesse dos jovens pelo lugar onde vivem, mas não soube informar se isso parte de um gosto particular ou pelo simples fato de conviverem próximos à natureza. Porém, apesar do interesse por temas relacionados às questões ambientais, os jovens da região não participam das reuniões do Conselho Consultivo da EEcA. A entrevistada também não soube dizer o motivo, mas afirma que o formato das reuniões não é um modelo que atraia muito o público juvenil. Ainda sobre este tema a jovem líder considera que, por serem em sua maioria adolescentes, os jovens não possuem senso crítico a ponto de emitir opiniões referentes a temas importantes ou a tomadas de decisão.

Essas informações nos fizeram entender que a metodologia deste trabalho deveria atrair e aproximar o jovem das questões socioambientais locais, engajando-o e estimulando-o a ter uma visão mais crítica e participativa.

Durante a entrevista com a jovem líder, foi abordado ainda o tema “conservação”. A entrevistada afirma que muitas vezes quando trabalhada, essa questão não é contextualizada à realidade local. Ela cita como exemplo uma entrevista feita com moradores para a realização do Cadastro Ambiental Rural, no qual conteúdos referentes a Área de Proteção Permanente e Reserva Legal foram questionados, porém muitos não sabiam sequer do que se tratava.

Já em relação à importância da conservação e a proximidade com uma área preservada, ela afirma que os jovens não se enxergam como parte de um todo, peças-chave na conservação da biodiversidade, considerando que, apesar de saberem da existência da EEcA, eles não sabem da função socioambiental que a mesma possui.

De maneira geral, a coleta de dados através desta entrevista fez com o perfil do jovem morador fosse delineado com mais clareza. Com base nas informações obtidas com esse instrumento, foi possível elaborar os objetivos das atividades socioambientais, como por exemplo, utilizar uma abordagem atrativa e adequada ao público juvenil, trazer temas para discussão que fossem próximos a realidade social e histórica dos moradores e desenvolver o protagonismo juvenil por meio do estímulo ao pensamento crítico.

5.2. ETAPA II - DESENVOLVIMENTO

A fase de desenvolvimento ocorreu durante os meses de abril a setembro de 2018. Neste período foram realizados nove encontros, sendo um deles na sede da Estação Ecológica de Angatuba e os demais na Capela Nossa Senhora das Graças, situada no Bairro dos Leites. Durante essa fase foram realizadas as seguintes atividades: oficina de produção e edição de vídeo, atividades socioambientais e discussão e elaboração do documentário. Os resultados mais significativos destes encontros são descritos a seguir.

5.2.1. Oficina de produção e edição de vídeo

O primeiro encontro, realizado nas dependências da Estação Ecológica de Angatuba, foi uma oficina de produção e edição de vídeo, atividade que já havia sido planejada e foi coordenada pela gestora da UC, no âmbito do Programa de Educação Ambiental da EEcA e de um projeto de criação de vídeos para a Unidade. Portanto, por estar completamente contextualizada aos objetivos desta pesquisa, a oficina foi incorporada como ação integrante do projeto. A atividade ocorreu em um único dia totalizando oito horas de duração. Estiveram presentes dois professores de biologia e vinte e quatro alunos das escolas que haviam participado da fase anterior de diagnóstico, duas jovens

moradoras do Bairro dos Leites que já haviam concluído o ensino médio, a pesquisadora, a gestora da UC e alguns convidados.

Conduzida por profissionais da área da comunicação de uma empresa que prestou serviços à EEcA na produção de vídeos institucionais, a atividade teve como base os princípios da educomunicação, que busca incentivar o protagonismo de atores sociais através da mídia, e contou com uma programação teórico-prática que abordou temas desde a história do cinema e os avanços da tecnologia cinematográfica até a descrição das diversas funções requeridas e desempenhadas num set de filmagem. Ao final da parte teórica, os jovens foram divididos, de acordo com a afinidade de cada um, nas diversas funções, como: diretor e diretora, assistente de direção, produção, roteiristas, assistentes de áudio, editores de imagem, maquiagem, etc., a fim de realizarem a produção de um minidocumentário. O objetivo do vídeo, informado aos jovens pelos palestrantes, foi “mostrar a relação da EEcA com a escola”. A elaboração do roteiro, a captação de imagens e as entrevistas foram de total autonomia dos participantes, exceto a edição do vídeo, que foi iniciada pelos jovens responsáveis por essa função, porém finalizada pelos profissionais, a fim de que o resultado pudesse ser exibido e analisado no mesmo dia.

Ao final da produção do vídeo e enquanto o mesmo era editado, foi realizada uma avaliação da atividade com os participantes através de uma roda de conversa, durante a qual foi discutido o que poderia ser melhorado para uma segunda produção e também foram definidas as estratégias de divulgação do material elaborado. As etapas da oficina são representadas na Figura 1.

O minidocumentário, produto desta atividade, pode ser visualizado através do link: <https://goo.gl/6vAXbu>. Outro resultado dessa ação foi relatado pelos docentes participantes que, após a oficina, passaram a inserir em suas práticas a produção de vídeos como ferramenta de ensino–aprendizagem nas escolas que lecionam.

Fig. 1. Etapas da oficina de produção de vídeo: a - palestra com profissionais da área de comunicação; b - reunião para definição do roteiro; c - captação de depoimento de estudante; e d - momento da avaliação do processo: roda de conversa.



Fonte: Autoria própria.

5.2.2. Encontros e atividades socioambientais

Como dito anteriormente, grande parte dos encontros foram realizados no próprio bairro de estudo, mais especificamente na capela. O grupo estabelecido de cinco jovens se encontrava periodicamente para dialogar, debater ideias, trocar experiências e conhecimentos, com o objetivo de desenvolver o pensamento crítico em relação a questões ambientais e realizar a produção do vídeo. Os encontros ocorriam aos finais de semana, quando os jovens e a pesquisadora se reuniam e davam início as atividades programadas. Ao meio do período era realizada uma parada para o lanche, fornecida pelos próprios envolvidos de maneira coletiva e compartilhada. A atividade diária durava em torno de sete horas, iniciando-se às 10h e finalizando-se por volta das 17h.

Em um dos primeiros encontros a gestora da EECA, Msc. Bárbara H. S. do Prado, realizou uma palestra aos jovens presentes onde abordou a criação da Unidade de Conservação, seus objetivos, metas, organização, função, trabalho desempenhado e relação com os moradores dos bairros localizados na

zona de amortecimento, entre outros aspectos (Figura 2). Este encontro teve por objetivo aproximar e fortalecer os laços dos jovens moradores com a UC e com a temática ambiental.

Fig.2. Palestra ministrada aos jovens pela gestora da EEcA na Capela Nossa Senhora das Graças.



Fonte: Autoria própria.

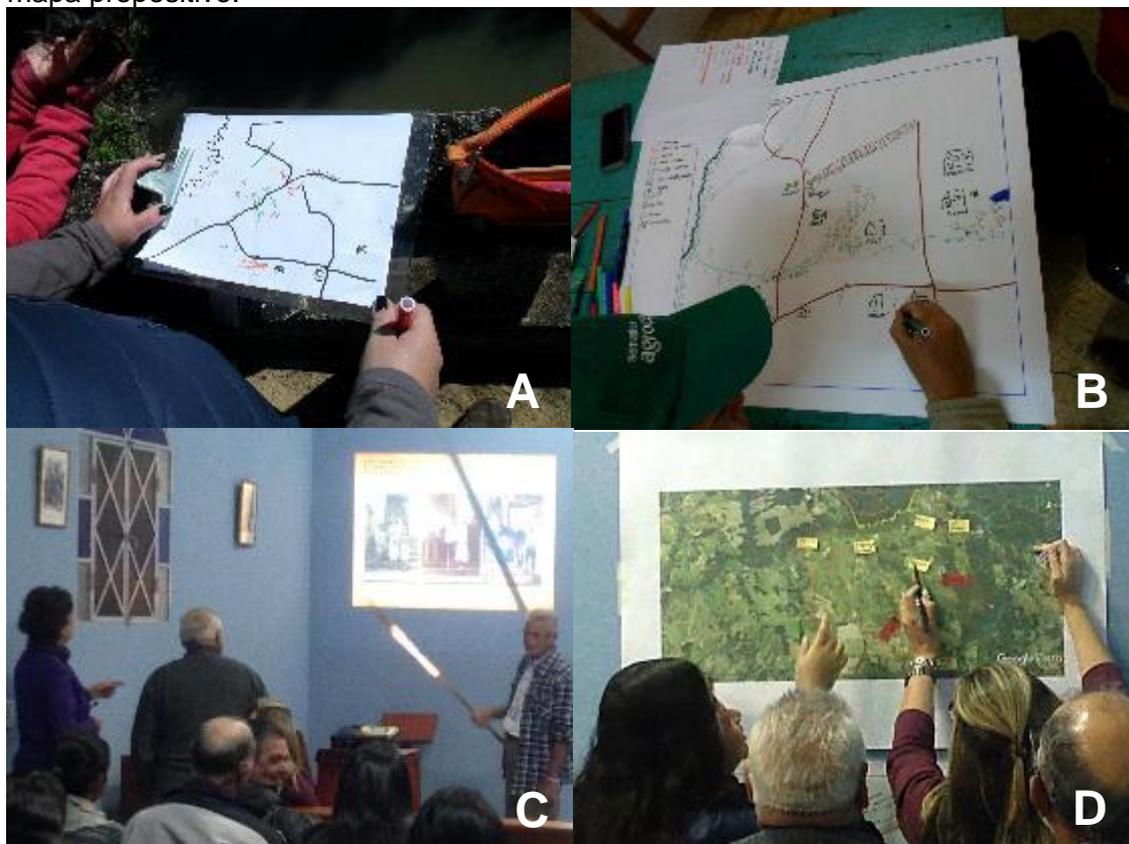
Diante da análise das informações obtidas na fase de diagnóstico, foram pesquisadas algumas metodologias que apresentassem eficácia na abordagem junto ao público jovem. Uma dessas metodologias foi a Verde Perto Educação (BRASIL, 2013b). Um exemplo do emprego desta metodologia foi a realização de uma dinâmica inspirada no jogo Perfil (*Grow*). Com o objetivo de abordar a fauna da Mata Atlântica, o jogo continha diversas cartas com uma sequência de dicas, na qual o jogador ouvinte deveria adivinhar a incógnita, que no caso, era um animal da Mata Atlântica, com base nas características apresentadas pelo jogador leitor. O modelo deste jogo é apresentado no Apêndice 6.

Com o objetivo de explorar e (re)conhecer o bairro, também foram realizadas inúmeras saídas de campo, em sua maioria trilhas e visitas a pontos históricos, turísticos e de belezas naturais do bairro, como nascentes, riachos e quedas d'água. Tais atividades agradaram muito aos jovens, sendo

carinhosamente denominadas por eles como “Expedição Campina dos Leites”, que tratava justamente de “explorar” pontos que eles desconheciam do bairro.

A metodologia do Mapeamento Socioambiental foi desenvolvida durante dois encontros com moradores do bairro. O primeiro contou apenas com a participação dos jovens e foi destinado às etapas de esboço de um mapa mental, produção do mapa socioambiental local e elaboração do mapa síntese. Já o segundo contou com a participação de 26 moradores, entre jovens e adultos, uma historiadora do município e a gestora da EEcA, que conduziu as discussões, e teve por objetivo a criação de um mapa propositivo, por meio de uma ação coletiva de reflexão e diálogo entre os diversos atores locais. A fim de oferecer o embasamento teórico para a discussão do mapa propositivo, foi realizada uma apresentação dos aspectos histórico-culturais do bairro pela historiadora, Dra. Maria Aparecida Morais Lisboa. Essa apresentação permitiu à gestora da UC correlacionar o tema com questões socioambientais locais, proporcionando um momento de discussão e reflexão entre os participantes. Nesta atividade, além da confecção de dois mapas que poderão ser usados em ações socioambientais futuras, foi detectado pelos moradores do bairro o problema da diminuição da vazão de um ribeirão presente no local, conhecido como Rio Pinheirinho. Durante a discussão, os participantes levantaram como uma possível causa deste problema a presença de uma plantação de eucalipto próxima à nascente. Os moradores foram então orientados pela gestora da UC a recorrerem ao órgão responsável pela proteção dos cursos d’água da região. O fato repercutiu entre os jovens e despertou neles um sentimento investigativo, o que resultou na visita à nascente do ribeirão. Durante essa visita eles identificaram que a cabeceira do rio se encontrava preservada, levando-os a levantarem outras possíveis hipóteses para a causa da pouca vazão. A discussão desse tema permitiu a captação de diversas imagens do local e estimulou o depoimento da jovem líder local, que é tecnóloga em silvicultura, sobre essa questão para o documentário. As etapas do Mapeamento Socioambiental estão representadas na Figura 3.

Fig.3. Etapas do mapeamento socioambiental: a - esboço do mapeamento pelos jovens durante o percurso pelo Bairro dos Leites; b - confecção do mapa síntese; c - historiadora interagindo com moradores durante palestra que antecedeu a discussão do mapa propositivo; e d - gestora da EECA construindo com os moradores do bairro o mapa propositivo.



Fonte: Autoria própria.

5.2.3. Produção do documentário

Desde o princípio do projeto, foi proposta aos jovens participantes a idealização de um documentário sobre o bairro onde vivem, a fim de fortalecer a relação de pertencimento dos mesmos com o local e ao mesmo tempo estimular o protagonismo juvenil através dos meios de comunicação. A produção do documentário, que envolveu a elaboração do roteiro, a captação de imagens e a elaboração de entrevistas, foi de total autonomia/responsabilidade dos jovens moradores.

Com base nos aprendizados obtidos durante a participação na oficina de vídeo oferecida pela EECA, os jovens moradores deram início a produção do seu próprio documentário. A atividade iniciou-se com a elaboração de um roteiro de entrevista que serviu de base durante o depoimento de dois antigos moradores

do bairro, Dona Ondina e Sr. Airton (Figura 4), escolhidos pelos jovens. Dona Ondina, senhora de 79 anos, nasceu e viveu a maior parte de sua vida no bairro, tendo se mudado para Sorocaba, interior de São Paulo, após apresentar problemas de saúde que requeriam cuidados médicos. Ela frequenta periodicamente o local, pois mantém sua propriedade no bairro, onde também moram alguns de seus familiares. Seu depoimento relembrou o passado na região, e foi guiado por perguntas que abordaram temas como: água, paisagem local, costumes, relação entre os moradores, biodiversidade, atividades desempenhadas no campo, religiosidade e a cultura local. O segundo entrevistado, Sr. Airton, possui 62 anos e é um pequeno apicultor que viveu no bairro durante grande parte de sua juventude. Atualmente, frequenta a propriedade que mantém no local semanalmente, tendo sua residência fixa também em Sorocaba. A entrevista com o Sr. Airton teve como principal objetivo permitir que o entrevistado expressasse seus conhecimentos sobre biodiversidade e conservação, adquiridos pela vivência local, além de falar sobre outros temas de interesse pessoal, como por exemplo: a introdução de espécies exóticas, a problemática da água, a responsabilidade ambiental, e os cuidados com os resíduos e com o solo.

Os jovens participantes também gravaram seus próprios depoimentos onde expuseram suas visões sobre o bairro através de temas como: biodiversidade, água, relação com o bairro, cultura local, religiosidade, responsabilidade ambiental e mensagens que gostariam de passar a outros jovens.

Além de depoimentos de moradores, os participantes decidiram que o documentário deveria apresentar as belezas históricas e culturais do bairro, bem como a cultura religiosa, bastante presente na comunidade. Para isso, o roteiro contemplou a narrativa histórica da “Capela da Menina”, fato que marcou os moradores e, conseqüentemente, a história do bairro. Nela é relatado o caso de uma criança que morreu carbonizada em meio a uma área descampada, onde na época, era comum fazer a limpeza utilizando o fogo. A menina foi tida como mártir pelos moradores, que movidos pela fé, se mobilizaram e construíram uma pequena capela, a fim de preservar sua memória. Outra importante narrativa presente no documentário é a história da construção da atual Capela de Nossa Senhora das Graças, onde a maioria dos encontros deste projeto foi realizada.

Com base na discussão realizada durante o Mapeamento Socioambiental da região, os jovens entenderam que também seria importante falar sobre a questão da água, uma vez que essa era uma preocupação de praticamente todos os moradores do bairro, portanto esse tema foi enfatizado no documentário. Nesse sentido, captaram imagens dos principais pontos de acesso à água no bairro e expuseram uma visão crítica sobre a problemática do Rio Pinheirinho, que tem apresentado uma diminuição de sua vazão nos últimos anos.

Apesar dos participantes terem tido total autonomia para a criação do documentário, foi necessário que a pesquisadora ficasse responsável pelo processo de edição final do vídeo, devido ao tempo necessário de dedicação a esta tarefa. Por isso, foi acordado entre os participantes o roteiro de edição, que foi seguido criteriosamente pela pesquisadora, a fim de manter a identidade da idealização juvenil.

Fig.4. Coleta dos depoimentos de moradores antigos do Bairro: Dona Ondina (à esquerda) e Sr. Airton (à direita).



FFonte: Kátia Rancura.

5.3. ETAPA III - ENCERRAMENTO

A etapa final consistiu nos seguintes momentos: “pré-estreia” do vídeo para apreciação do resultado pelos jovens participantes; última coleta de dados para compreender a percepção dos jovens quanto ao processo do qual participaram e se havia ocorrido o fortalecimento de seus laços com o local onde vivem; discussão e definição das estratégias de divulgação do material produzido; e exibição do documentário à comunidade.

5.3.1. “Pré-estreia”

Após concluída a edição do documentário, foi agendado um encontro na cozinha da capela do bairro a fim de realizar uma “pré-estreia” dirigida somente para os jovens. Estiveram presentes sete jovens, sendo que todos haviam participado de ao menos alguma etapa da fase de desenvolvimento do vídeo, além da orientadora deste trabalho e da pesquisadora. O encontro foi iniciado com a exibição do documentário aos presentes (Figura 5), seguido de uma discussão sobre o resultado e sobre os acertos necessários na edição, como: criação e inserção de logomarca do projeto na abertura do vídeo, cortes de alguns trechos e inclusão de conteúdo adicionais, etc.

Fig.5. Momento de exibição do documentário aos jovens participantes.



Fonte: Kátia Rancura.

5.3.2. Avaliação do processo - Grupo focal

Após a pré-estreia do documentário, foi dado início a coleta final de dados com a realização de um grupo focal (Figura 6).

Foi de suma importância a realização dessa etapa, pois através dela foi possível analisar e avaliar o processo como um todo, verificando assim se os objetivos foram de fato atingidos.

O grupo focal é uma metodologia qualitativa de coleta de dados onde se realiza uma entrevista em grupo. A pesquisadora, norteada por uma série de perguntas semiestruturadas, guiou a conversa com o grupo, onde todo o processo do qual eles participaram foi discutido, desde as temáticas e atividades desenvolvidas nos encontros iniciais até o processo de produção do documentário, permeando as dificuldades de elaboração, a motivação, a satisfação com o produto, o que mudou em suas concepções, etc. Essa entrevista foi gravada e transcrita e é apresentada na íntegra no Apêndice 7.

O objetivo geral deste trabalho era fortalecer os laços de pertencimento dos jovens moradores com o local onde vivem, e isso pode ser visto em algumas falas durante o grupo focal, onde pode-se entender que a relação dos participantes com o bairro se modificou. Quando solicitado para que explicassem com suas palavras como foi o projeto, uma jovem diz: *“a gente acabou se divertindo todo mundo junto e pra conhecer alguns lugares do bairro que a gente nem sabia que tinha também, né? As vezes via só na rotina ali”*, e complementa: *“e também pra mostrar além da realidade do jovem, a relação que ele tem com a natureza e a importância da natureza na vida de cada um”*. Este tipo de fala foi muito frequente durante o grupo focal, o fato de conhecer lugares nunca visitados, foi o principal incentivo que levou os jovens a participarem dos encontros.

Quando questionados sobre o que aprenderam com o projeto uma jovem respondeu: *“ah, eu acho que a valorizar um pouco mais o bairro, porque a gente vive muito na rotina, por exemplo a cachoeira da Magda, nós zuamos ela, mas é um lugar bonito...na cachoeira da Rosa eu nunca tinha ido...”*. Estas falas são exemplos que indicam que o objetivo geral foi atingido. Durante a entrevista também mencionaram que foi possível conhecer mais uns aos outros, que

apesar de apresentarem parentesco e morarem no mesmo bairro, não possuíam uma relação tão próxima.

Outro ponto que chama a atenção nesta conversa, foi quando questionados sobre a continuidade do projeto, quando uma jovem menciona a possibilidade de repassar o que aprenderam *“ah, tem a escolinha na Batalheira, a gente pode ir lá também, passar o vídeo, conversar com eles”* e outra acrescenta *“eu acredito que divulgando o vídeo, é um gancho pra gente começar a falar, ‘olha o documentário que a gente fez’...”*. O mesmo sentimento de motivação aparece quando perguntado sobre o que farão a respeito dos problemas ambientais encontrados, *“O que vocês acham de gente plantar árvore lá no rio pinheirinho então?”... “eu acho ótimo, tem mudas na prefeitura”*. Pode-se dizer que o objetivo de incentivar a criação de atores sociais também foi atingido, apesar da entrevista ter sido realizada logo após a finalização do projeto, os jovens se demonstraram dispostos a exercer atividades de cunho socioambiental visando o bem da comunidade a qual pertencem.

Quando questionados como ficou a relação deles com o bairro após os encontros, uma jovem responde de maneira direta *“ficou mais próximo, porque a gente descobriu muita coisa que a gente não conhecia”* e a pesquisadora continua *“vocês consideram que aprenderam algo novo?”* outra participante responde *“sim, muitas coisas a gente aprendeu na escola, a gente aprendeu na teoria, agora a gente aprendeu na prática”* e outro jovem complementa *“na verdade a gente tá vivendo a prática, né?”*. Nesses trechos finais é possível notar que além do objetivo principal ter sido atingido, a metodologia escolhida foi essencial para o sucesso do projeto, pois os jovens puderam exercer sua autonomia como sujeitos sociais inseridos em sua realidade social e histórica, sem distinção de teoria e prática, ou seja, exatamente o que o modelo empregado de pesquisa propõe.

Além do mais, foram realizadas perguntas sobre o modelo dos encontros e o grau de satisfação com os resultados. Além do vídeo, foi obtido como resultado não programado, uma exposição de fotos sobre o bairro feitas pelos jovens. Sobre isso uma participante expressa sua satisfação com uma imagem *“ah, porque que nem essa fotinha que eu tirei aí, imagina que nunca ninguém ia ver que ia ser uma coisa tão bonita, não é só porque é meu, mas né, porque isso aqui é no quintal da minha casa, abri a janela e tava lá, não que foi assim a*

história, mas...". Sobre o modelo dos encontros não foram sugeridas modificações, mas sim próximas edições com temas específicos, como por exemplo: água.

Apesar do grupo focal ter mostrado momentos de descontração, a coleta de dados foi de grande importância para a avaliação da metodologia e eficácia da pesquisa.

Fig. 6. Realização do grupo focal com os jovens



Fonte: Kátia Rancura.

5.3.3. Elaboração da Logomarca

A confecção de uma logomarca para o projeto, que pudesse ser utilizada no documentário, assim como todas as outras atividades, foi um processo de produção coletiva e participativa entre pesquisadora, orientadora e participantes desta pesquisa.

Queria-se que a logomarca trouxesse características que remetesse a todo o processo de pesquisa, como o local onde eram realizados os encontros, o que era feito nesses encontros e o produto final, no caso, o documentário.

Após muitas conversas, chegamos a conclusão que a logomarca deveria conter a igreja, que além de ter sido o principal local dos encontros, foi uma obra feita com a colaboração de toda a comunidade local, portanto, representa o sentimento de união entre os moradores do bairro. Outro aspecto considerado foi o fato do bairro estar localizado em uma campina, ou seja, um local descampado cercados por montanhas. Por fim, o aspecto que remetia ao vídeo documentário, para isso, foi pensado em uma tira de película.

Assim, com o consentimento de todos, chegamos a logomarca final apresentada na Figura 7, elaborada pela pesquisadora no site [Online Logo Maker](#).

Fig. 7. Logomarca do projeto.



Fonte: Autoria própria.

5.3.4. Apresentação do resultado à comunidade

Inspirado no CineLobo, estratégia empregada no trabalho de Bizerril, Soares e Santos (2011), realizado com a comunidade local do Parque Nacional da Serra da Canastra, no dia 27 de novembro de 2017 foi realizada a exibição do documentário para toda a comunidade. A data foi agendada intencionalmente, pois trata-se do dia da padroeira do bairro, Nossa Senhora das Graças. Seguindo seus costumes religiosos, todos os anos os moradores promovem uma novena à padroeira, que percorre diversos bairros rurais da região e é finalizada com uma comemoração para a qual todos os moradores de bairro vizinhos são convidados a participar. Assim, definiu-se que essa seria a data ideal para realizar a estreia do filme, visto que teria grande participação, tanto dos moradores do bairro quanto da comunidade da região.

Estiveram presentes todos os jovens que participaram em algum momento do projeto, a orientadora deste trabalho, a pesquisadora, a bióloga e educadora do Zoológico de São Paulo Camila Martins, moradores do Bairro dos Leites e da região, além de outros convidados. O evento aconteceu na Capela do bairro, no momento final da celebração religiosa, quando o diácono, antes de encerrar a missa, convidou a jovem líder local e a pesquisadora para darem uma breve explicação sobre o projeto e exibir o documentário aos presentes, o qual foi projetado em uma parede, dentro da própria Capela (Figura 8).

Ao final da exibição, o diácono parabenizou o trabalho, ressaltou a importância de preservar a história do local e de se trabalhar temas ambientais com o público juvenil, visto que eles representam as gerações do futuro e carregam uma grande responsabilidade quanto a isso. A reação do público que assistiu ao vídeo também foi positiva, muitos parabenizaram os jovens e a pesquisadora pela elaboração do documentário e desenvolvimento do projeto e demonstraram interesse em ter uma cópia do DVD para exibir para outras pessoas e guardar como recordação.

Fig. 8. Visão externa da Capela Nossa Senhora das Graças no dia da festa (esquerda) e momento de exibição do filme aos presentes (direita).



Fonte: Kátia Rancura.

Além da apresentação do documentário, obteve-se como resultado secundário do projeto uma exposição de fotos da região feitas pelos jovens ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa. A ideia da exposição partiu dos próprios envolvidos, que vinham tirando belas fotos durante os encontros e sentiram vontade de compartilhá-las com o restante da comunidade. A exposição foi montada do lado externo da Capela, para que fosse apreciada pelos participantes da celebração, antes e após a missa (Figura 9).

Fig. 9. Montagem da exposição de fotos da região por jovens participantes do projeto (à esquerda) e moradores apreciando a exposição fotográfica (à direita).



Fonte: Camila Martins

Havia sido elaborada uma breve avaliação com perguntas de múltipla escolha que seria aplicada aos expectadores no dia da divulgação do vídeo, a fim de se obter um retorno sobre o produto final dos moradores que não

estiveram envolvidos diretamente no projeto, porém, devido ao horário avançado em que o evento terminou, não foi possível a aplicação.

Ao final do evento, a pesquisadora presenteou os participantes do projeto com uma lembrança customizada, como forma de agradecimento ao envolvimento de todos. Também foram deixadas algumas cópias físicas do vídeo com a jovem líder do bairro, a fim de serem entregues aos demais moradores.

Esta etapa foi de extrema importância, pois gerou o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos jovens e a valorização do bairro, em seus diferentes aspectos, por toda a comunidade.

6. PRODUTO FINAL

6.1. O DOCUMENTÁRIO “EXPEDIÇÃO CAMPINA DOS LEITES”

Este trabalho gerou como produto um vídeo do gênero documentário, resultado de uma construção participativa entre a pesquisadora e os jovens moradores locais. O vídeo tem como objetivo mostrar a visão dos jovens sobre o Bairro dos Leites, local onde vivem, situado na zona de amortecimento de uma importante Unidade de Conservação, a Estação Ecológica de Angatuba.

Com duração de vinte e quatro minutos e vinte e um segundos, o documentário traz diversos depoimentos de moradores locais e apresenta o Bairro dos Leites abordando temas como: memórias de moradores antigos, atividades desenvolvidas no bairro, biodiversidade, água, cultura local, história, religiosidade, consciência ambiental, relação com o bairro e mensagem aos jovens.

O vídeo foi produzido de forma amadora, tendo todas as suas imagens e áudios captados por aparelhos celulares. O roteiro ficou sob responsabilidade dos jovens, garantindo assim a autonomia dos mesmos sobre o trabalho e respeitando os princípios dos referenciais metodológicos adotados, quanto a estimular o protagonismo juvenil através dos meios de comunicação. Salvo a edição final do vídeo, que foi realizada através do software Sony Vegas e sob responsabilidade da pesquisadora, respeitando o roteiro de edição redigido pelos jovens idealizadores, toda a obra é uma produção coletiva dos jovens.

6.2. DIVULGAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

Após a estreia dirigida aos moradores locais, teve início o processo de divulgação do vídeo, que foi disponibilizado no site YouTube e pode ser visto através do link <https://youtu.be/Evqk2MDyEX0>. Além disso, para divulgar esse material e também as fotos feitas pelos jovens, foram criados perfis em duas mídias sociais, [Instagram](#) e [Facebook](#) (clique sobre os nomes para acessar). Nestes perfis, gerenciados pelos jovens, além das imagens feitas ao longo do projeto, continuam sendo compartilhadas novas fotos tiradas em seu dia-a-dia, o que tem contribuído para manter o sentimento de pertencimento e admiração pelas belezas naturais do bairro, que foram despertados durante o desenvolvimento deste trabalho.

Ainda quanto à divulgação do produto final, o vídeo foi submetido e aprovado para compor a 9ª edição do Circuito Tela Verde, evento organizado pelo Ministério do Meio Ambiente, que consiste em uma mostra audiovisual de vídeos de produção independente que abordam a temática ambiental. Os vídeos selecionados a participar são exibidos nos canais de divulgação do evento, como site e página no YouTube e, além disso, são transferidos para mídias físicas e enviados aos espaços exibidores cadastrados no sistema do Circuito Tela Verde. Tais espaços, que realizam sessões de exibição ao público interessado, recebem os kits contendo os vídeos selecionados em mídia física (DVD) com encarte que contém a sinopse e informações técnicas da produção.

Recentemente também foi criado um canal de divulgação do Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna no YouTube, o PPGCFau TV (<https://goo.gl/iAcGSE>) onde é possível ver todos os vídeos de produção técnica desenvolvidos no Programa. O documentário produzido neste trabalho também se encontra disponível para visualização neste canal.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi fortalecer os laços de pertencimento dos jovens moradores do Bairro dos Leites com o local onde vivem por meio do desenvolvimento de ações educativas de cunho participativo e emancipatório, que os aproximassem das questões socioambientais da região e que os embasassem na produção de um vídeo documentário como forma de expressarem suas percepções diante destas temáticas.

O desinteresse dos jovens por questões ambientais é algo comum, seja por falta de proximidade com o tema ou até mesmo pelas características peculiares à fase pela qual estão passando. Diante disso, se faz necessário o emprego de estratégias adequadas, que permitam abordar o assunto de forma atrativa e contextualizada, uma vez que o discurso da biodiversidade não deve ser apenas conceitual, mas sim plural, envolvendo valores e participação social.

Para atingir e cativar os jovens participantes, contribuindo para que se envolvessem na discussão de questões socioambientais locais, recorreu-se a metodologias de caráter inovador, pautadas na participação e no diálogo como princípios norteadores, como a vertente crítica da Educação Ambiental, as Pesquisas de Natureza Interventiva e a Metodologia Verde Perto Educação, que pregam a interação horizontal entre pesquisadores e sujeitos sociais. Associado a isso, considerou-se nesta pesquisa o uso de atividades lúdicas e de metodologias participativas, além dos princípios da educomunicação.

Com base nos depoimentos dos participantes obtidos na avaliação final do processo, no engajamento dos mesmos durante as atividades propostas e, especialmente, na participação em todas as etapas de produção do documentário, podemos concluir que o objetivo almejado foi alcançado. O envolvimento dos jovens na pesquisa também ficou evidente quando, espontaneamente, decidiram idealizar uma exposição de fotos como forma de realçar e compartilhar as belezas do bairro, que antes não eram notadas por eles, demonstrando um sentimento de orgulho por suas raízes.

Além disso, a principal proposta de produto deste trabalho também foi alcançada com êxito. O vídeo documentário “Expedição Campina dos Leites” é o resultado de uma produção coletiva construída sob a ótica dos jovens moradores sobre o local onde vivem. O maior reconhecimento do esforço e

dedicação dos jovens na produção desse documentário foi sua aprovação no 9º Circuito Tela Verde, que possibilitará que o resultado desse projeto tenha um alcance muito maior do que o pretendido, sendo exibido em inúmeras salas verdes e espaços exibidores espalhados pelo país. Trata-se de uma forma de compartilhar a realidade daquele local e o trabalho realizado, além de levar o nome do Programa de Pós-Graduação a outras esferas.

Esta pesquisa permitiu comprovar a efetividade prática das metodologias utilizadas com o público jovem, já que muitas contribuições neste contexto são encontradas somente na teoria. Além disso, para os envolvidos este trabalho serviu como uma oportunidade para a troca de experiências e saberes, para fortalecer e criar laços entre os moradores do bairro e entre estes e o local onde vivem, além de instigar a reflexão e uma visão mais crítica dos jovens sobre as questões socioambientais. Para a pesquisadora, o projeto ainda contribuiu para revelar um novo olhar sobre a pesquisa em Educação Ambiental.

Por fim, espera-se que os jovens participantes continuem sendo protagonistas de sua realidade e incentivem o despertar de novos atores sociais na comunidade onde vivem. Espera-se também que essa pesquisa subsidie e inspire outros projetos semelhantes a utilizarem metodologias participativas e a educomunicação como forma de engajar os jovens na discussão de problemas socioambientais.

8. REFERÊNCIAS

BACCI, D. La. C.; JACOBI, P. R.; SANTOS, V. M. N. Aprendizagem Social nas Práticas Colaborativas: exemplos de ferramentas participativas envolvendo diferentes atores sociais. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.6, n.3, p.227-243, novembro 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/viewFile/38160/29101>>. Acesso em: 29 de junho de 2016.

BIZERRIL, M. X. A.; SOARES, C. C.; SANTOS, J. P. Linking community communication to conservation of the maned wolf in central Brazil. **Environmental Education Research**. v. 17, n. 6, Nov, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13504622.2011.620701>>. Acesso em: 29 de junho de 2016.

BRANDÃO, C. R. Pesquisa participante. In: FERRARO Jr., L. A. (Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA; Diretoria de Educação Ambiental, 2005. v. 1, p. 259-266.

BRASIL. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. 3 ed. Brasília: MMA/MEC, 2005. 104 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. **Educomunicação Socioambiental: comunicação popular e educação**. Brasília, 2008. 43 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Diretrizes para Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação**. Brasília, 2010. 48 p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Comunicação, Educação Ambiental e Gestão Participativa**. Implementação de atividades de educomunicação socioambiental junto ao Parque Nacional do Pau Brasil. Brasília, 2013a. 39 p. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/gestao_participativa/parna_pau_brasil.pdf>. Acesso em: 3 de março de 2016.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Diretoria de Ações Socioambientais e Consolidação Territorial em Unidades de Conservação. Coordenação Geral de Gestão Ambiental. Coordenação de Educação Ambiental. **Projeto Capacitação de Jovens; Orientações Projeto Piloto/2013**. Brasília, 2013b. 61, p.

CARVALHO, I.C.M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria Executiva. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília, 2004a. P. 13 – 24.

CARVALHO, I.C.M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2004b.

CULOT, L. *et al.* New records, reconfirmed sites and proposals for the conservation of black lion tamarin (*Leontopithecus chrysopygus*) in the middle and upper Paranapanema. **Neotropical Primates.** v. 22, Jun, 2015. Disponível em:

<
http://static1.1.sqspcdn.com/static/f/1200343/26923966/1458401809963/NP_22_1_Culot_et_al_pp.32-39.pdf?token=4avBTtDNqZkyQKLug4npi1J9kF4%3D > .

Acesso em: 6 de junho de 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 36º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1998.

GARCIA, F. O.; PRADO, B. H. S. Programa De Educação Ambiental Voltado à Conservação Do Mico-leão-preto: Estação Ecológica de Angatuba e seu entorno. In: Congresso Brasileiro de Unidade de Conservação, 8., 2015. Curitiba.

Anais eletrônicos. Disponível em: <
<http://eventos.fundacaogrupoboticario.org.br/CBUC/TrabalhosTecnicos?ids=1532>>. Acesso em: 6 de julho de 2016.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas.** Rio de Janeiro: Artmed, 1994.

GUIMARÃES, M. Educação ambiental crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.) **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-34.

LEFF, E. (org) *et al.* **A complexidade ambiental.** São Paulo: Cortez, 2003.

LISBOA, M. A. M. **Fandango do Miliano.** 1. ed. Itu: Ottoni, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental transformadora. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

MIRANDA, A. S. **O Jornal Escolar e a Educação Problematicadora: vislumbrando uma aproximação.** UNI revista, v. 1, n. 3, 2006. Disponível em: <
http://www.jornalescolar.org.br/?file_id=arq-MIRANDA-A-o-jornal-escolar-e-a-educacao-problematizadora.pdf >. Acesso em: 3 de março de 2018.

MONTEIRO, C. H. B.; PRADO, B. H. S. DO; DIAS, A. C. (COORDS.). 2009. **Plano de manejo: Estação Ecológica de Angatuba.** Instituto Florestal/ SMA. São Paulo. Disponível em:

<http://iflorestal.sp.gov.br/files/2013/03/Plano_de_Manejo_EEc_Angatuba.pdf>.

Acesso em: 24 de Agosto de 2016.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 10ª ed. 2005.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Projeto Saber**, Travessias, v. 2, n. 3, 2008.

RODRIGUES, L. S.; PEREIRA, J. O. R. **Promovendo Educação Ambiental por Meio das Inteligências Múltiplas**: O Programa Verde Perto. Brasília. Anais IV Encontro Nacional da Anppas, 2008. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT9-698-693-20080504135358.pdf>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Fundação Parque Zoológico de São Paulo. **Fauna Ameaçada de Extinção no Estado de São Paulo – Vertebrados**. São Paulo, 2009. 645 p.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. (Org.). **A pesquisa em educação ambiental**: cartografias de uma identidade narrativa em formação. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**. São Paulo. n. 19. p. 12 a 24. Set/Dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>> . Acesso em: 3 de março de 2017.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

TEIXEIRA, P. P. M.; NETO, J. M. Uma Proposta de Tipologia para Pesquisas de Natureza Interventiva. **Ciência e Educação (Bauru)**, v. 23, n. 4, p. 1055-1076, 2017.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10. Ed – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2000.

TOZONI-REIS, M. F. C. Pesquisa ação: compartilhando saberes; pesquisa e ação educativa ambiental. FERRARO Jr., L. A. (Org.) **Encontros e caminhos**: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 269- 276.

APÊNDICE 1

CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

O presente trabalho visa adquirir maior conhecimento sobre a relação dos jovens moradores das comunidades do entorno da Estação Ecológica de Angatuba com a região onde vivem e a biodiversidade local. Faz parte da pesquisa o preenchimento de um questionário com **21 (vinte e uma)** questões discursivas e a participação na produção de um vídeo documental que retrate suas percepções sobre o lugar onde moram. O objetivo do presente estudo é fortalecer os laços de pertencimento dos jovens da comunidade com o local onde vivem e com a Estação Ecológica de Angatuba. Os dados obtidos serão posteriormente analisados, garantindo-se sigilo absoluto sobre as questões respondidas, sendo resguardado o nome dos participantes. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Aos participantes cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum. Os dados coletados serão utilizados na dissertação de Mestrado Profissional da bióloga Bruna Toricelli, aluna do Programa de Pós-Graduação em Conservação da Fauna da Universidade Federal de São Carlos em parceria com a Fundação Parque Zoológico de São Paulo.

Biol. Bruna Toricelli

MSc. Katia Gisele de Oliveira Rancura

PPGCFau – UFSCar (Telefone para contato)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o(a) senhor(a) _____, sujeito de pesquisa, após leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo. Fica ciente ainda que todo trabalho realizado torna-se informação confidencial, guardada por força do sigilo profissional.

Angatuba, ____ de _____ de _____

Assinatura do sujeito ou seu representante legal

APÊNDICE 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLO – UFSCar
 FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO – FPZSP
 PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CONSERVAÇÃO DA FAUNA - PPGCFau

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA MENORES

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“A Educomunicação Socioambiental como ferramenta para fortalecer a relação dos jovens moradores do entorno da Estação Ecológica de Angatuba (SP) com a biodiversidade local”**. Neste estudo pretendemos **adquirir maior conhecimento sobre a relação dos jovens moradores das comunidades do entorno da Estação Ecológica de Angatuba com a região onde vivem e a biodiversidade local**. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o fato que **a população local residente nessa área se encontra em idade avançada, o que nos leva a questionar o futuro desses imóveis que em sua maioria estão no patrimônio da família há anos**. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): o preenchimento de um questionário com **21 (vinte e uma)** questões discursivas e a participação na produção de um vídeo documental que retrate suas percepções sobre o lugar onde. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, tomar banho, ler etc. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Angatuba, ____ de _____ de 20____ .

 Assinatura do(a) menor

 Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE 3**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM**

Eu _____, CPF _____,
RG _____, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor _____ sob minha responsabilidade) em fotos e/ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizado no trabalho **“A Educomunicação Socioambiental como ferramenta para fortalecer a relação dos jovens moradores do entorno da Estação Ecológica de Angatuba (SP) com a biodiversidade local”**, sob responsabilidade das pesquisadoras Bruna Toricelli, Kátia G. de O. Rancura e Bárbara H. S. do Prado.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) bem como a divulgação em exposições, mídias física e digital e em redes sociais, em favor da pesquisa, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990).

Angatuba, ____ de _____ de 2017.

Assinatura

APÊNDICE 4

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Idade: _____

Bairro: _____

Email e telefone (opcional): _____

Sobre o lugar onde você mora:

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

De onde vem a água que abastece sua casa?

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM () NÃO ()

Tem acesso à Internet?

SIM () NÃO ()

Usa redes sociais?

SIM () Quais?: _____

NÃO ()

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM () NÃO ()

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM () NÃO ()

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM () NÃO ()

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre tecnologias da informação?

SIM () NÃO ()

Agradecemos sua participação!

APÊNDICE 5**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A JOVEM LIDER LOCAL**

Pesquisadora: Então, eu vou começar... São perguntas sobre você primeiro e depois é em relação ao jovem daqui.

Entrevistada: Tá!

Pesquisadora: Tá? Então... Qual a sua idade?

Entrevistada: Vinte e um

Pesquisadora: Qual a sua naturalidade?

Entrevistada: Angatuba mesmo

Pesquisadora: Mas você sempre morou aqui?

Entrevistada: Sempre morei

Pesquisadora: Mas quando você fazia faculdade...

Entrevistada: Ah, eu morei fora por três anos e daí voltei

Pesquisadora: Ah tá, é Capão Bonito, né?!

Entrevistada: Isso!

Pesquisadora: Você fez o quê? Qual a sua formação acadêmica?

Entrevistada: Sou tecnóloga em silvicultura

Pesquisadora: Tá. Então... Aí agora a gente vai abrir um pouco mais as perguntas, tá? Eu quero que você fale um pouco sobre a sua relação com os jovens aqui da região.

Entrevistada: Eles não gostavam muito de mim no começo

Pesquisadora: Sério?

Entrevistada: Verdade!

Pesquisadora: Por que?

Entrevistada: Quando eu fui embora eles ainda eram meio crianças né... Eles estão com 16... Tinham lá seus 13 ou 12... Aí depois que eu voltei eles me achavam muito metida

Pesquisadora: Ah, porque você foi morar fora e voltou

Entrevistada: É! Aí, eu comecei a participar do grupo de jovens na cidade e depois de um tempo o pessoal quis que a gente viesse pra cá também, aí eu chamava eles e eles nem me ouviam, me ignoravam, não gostavam de mim...
(risos)

Pesquisadora: Que mancada! Você sofreu bullying...

Entrevistada: Sofri bullying (risos). Aí esses dias, aí depois com o passar do tempo eles foram chegando mais perto de mim, aí faz pouco tempo a gente tava voltando do grupo da cidade eles falaram que eles não gostavam de mim... Aí uma menina falou que ela tinha até anotado meu número no celular dela como: Magda religiosa (risos)... porque ela não gostava de mim... (rissos). Mas aí todo mundo aprendeu a gostar de mim e acho que a gente se dá super bem agora...

Pesquisadora: Aí ganhou intimidade aí já era...

Entrevistada: Agora já era, ninguém me respeita mais, já querem exigir bolo na minha casa...

Pesquisadora: Vai usar o wifi

Entrevistada: É... é isso...

Pesquisadora: Você se considera uma pessoa bem informada sobre assuntos ambientais?

Entrevistada: Eu já estive mais, eu to bem relaxada agora, essa coisa de não tá trabalhando, porque eu fiquei um tempo sem estudar, eu comecei uma pós e larguei, eu fiquei muito acomodada, estou indisciplinada nesse sentido... no momento...

Pesquisadora: Eu também tenho essa sensação, de que mesmo estudando no tema, eu não me considero muito bem informada, é difícil de acompanhar tudo o que tá acontecendo...

Entrevistada: É difícil...

Pesquisadora: Mas você tem interesse nessas coisas?

Entrevistada: Sim...

Pesquisadora: Mas você acha que é um interesse seu assim ou é porque você se formou nisso?

Entrevistada: Eu acho que é meu interesse porque eu sempre fui mais pro lado ambiental, eu tinha muita dúvida do que eu ia fazer, é... aí eu fui pra silvicultura... e eu vi que realmente vou pro lado ambiental da coisa... eu comecei uma MBA em gestão florestal e eu não aguentei, é muito chato essa coisa...

Pesquisadora: Tem muita lei?

Entrevistada: Não, mas é... não me identifico com essa doença de conseguir explorar e ganhar muito dinheiro, não me identifiquei...

Pesquisadora: Ganância, né?

Entrevistada: Isso! Eu sou mais pra árvore em pé, do que pra floresta deitada...

Pesquisadora: Sim... Faz sentido

Pesquisadora: Você acha que o jovem de hoje em dia, de maneira geral, não só os daqui, eles se interessam por esses assuntos?

Entrevistada: Eu acho que o tanto que vem sendo martelado nas escolas, eu acho que gera um interesse um pouco maior do que era antigamente.

Pesquisadora: É? Mas o que você acha que leva a esse interesse? Por que será?

Entrevistada: Acho que o que é trabalhado, os projetos de educação ambiental nas escolas, eu acho que...

Pesquisadora: Você acha que o tema é muito martelado, aí gera esse interesse?

Entrevistada: Eu acho que sim...

Pesquisadora: Tá. Entendi...

Pesquisadora: Agora a gente vai começar as perguntas em relação aos jovens daqui, tá?

Entrevistada: Tá

Pesquisadora: Então com base no seu contato com os jovens da região, você os considera:

Pesquisadora: Interessados em temas ambientais?

Entrevistada: Ai, aqui entra uma coisa que... eu teria que até estar mais próxima para responder... não sei se mais interessa eles é o contato com a natureza, mas eu não sei dizer se é o lado ambiental ou o lado de já morar aqui... e de... aí como que eu explico isso?!...

Pesquisadora: Eu acho que entendi o que você quis dizer... Você não sabe se é um interesse ou é porque eles estão inseridos nesse meio...

Entrevistada: Isso!

Pesquisadora: Tá, faz sentido... é difícil mesmo a gente dizer. Todas essas perguntas assim, vão ser com base no que você acha, sabe? É a sua visão.

Entrevistada: Assim, eu vejo que a maioria deles tem muito interesse pelos animais... coisa que eu já nunca tive, mesmo morando aqui... eles gostam de andar a cavalo, sabe?

Pesquisadora: Sei. Você os considera pessoas com senso crítico?

Entrevistada: Não... (risos)

Pesquisadora: (risos) ok

Pesquisadora: Você acha que eles são cientes de que eles moram perto de uma Unidade de Conservação?

Entrevistada: Não todos...

Pesquisadora: Tá. Eles são cientes da existência da Estação Ecológica de Angatuba?

Entrevistada: São...

Pesquisadora: Ah, legal!

Entrevistada: Tanto que tem aquele pontinho lá, acho que você já ouviu falar, da Maria do Brejo...

Pesquisadora: Não...

Entrevistada: É uma tradição do povo, muito antigo daqui, que é um córrego, que há muito tempo atrás, uma senhora que era muito religiosa, morreu... e quando precisa de chuva o pessoal vai lá a pé e... reza... e molha a cruz... e dizem que chove... e pra chegar nesse lugar tem que passar por dentro da Estação. A Bárbara sabe disso, todo mundo, o seu Zé que vai, você conheceu o seu Zé?

Pesquisadora: Conheci...

Entrevistada: Então, seu Zé é um figura. Então o pessoal acho que sabe muito da Estação Ecológica por passar por lá... Alguns deles até foram, os pais deles sempre vão, eu fui uma vez...

Pesquisadora: E choveu?

Entrevistada: Não, não lembro... Acho que a gente não rezou com fé...

Pesquisadora: Talvez (risos)

Pesquisadora: Eles são cientes da importância? Assim, mas aqui é das Estações Ecológicas, das Unidades de Conservação em geral, não só as daqui.

Entrevistada: Eu acredito que não...

Pesquisadora: Eu acho que eu responderia não também. Na idade deles eu não...

Entrevistada: Eu também só fui ter noção disso depois que eu fui estudar na faculdade... que eu fui entender.

Pesquisadora: É... Tá! Diante de sua experiência como participante nas reuniões do conselho consultivo da EECa, você acha que os jovens da região deveriam participar também?

Entrevistada: Deveriam, mas aqueles que realmente têm interesse...

Pesquisadora: É? Mas por que você acha que eles deveriam participar?

Entrevistada: Por eles morarem aqui perto... Bom, aí não sei... to confusa sobre essa pergunta...

Pesquisadora: Tipo, as reuniões do conselho, será que eles iriam gostar de participar?

Entrevistada: Ah, eu acho que não...

Pesquisadora: Não?

Entrevistada: Acho que não...

Pesquisadora: Eles deveriam, mas no formato que é, você acha que eles...?

Entrevistada: Acho que não, eles iriam ficar perdidos...

Pesquisadora: Mas se eles participassem, você acha que eles teriam condições de opinar criticamente nas tomadas de decisão? Porque o conselho nada mais é que isso... Eles fazem tomada de decisão...

Entrevistada: Eu acho que não iam contribuir muito não...

Pesquisadora: Não? Mas por que você acha que eles não iam contribuir?

Entrevistada: Pela falta do senso crítico, eu acho...

Entrevistada: Eu estou subestimando a galerinha, eu sei

Pesquisadora: Sem problemas, é a sua visão (risos)

Pesquisadora: Que tipo de atividade teórica, abordando conteúdos, você acha que poderiam ser feitas a fim de aproximar os jovens ao nosso tema? Esses temas, biodiversidade... questões ambientais...

Entrevistada: Eu acho que seria muito importante informar pra eles o significado de alguns termos, por exemplo, eles conhecem a Estação Ecológica, mas acredito que eles nem saibam que é uma Unidade de Conservação e nem o que isso significa, eles não tem noção do que é, o que

tanto abrange, termos... alguns termos ecológicos que eu acredito que não se fala na escola.

Pesquisadora: Você tocou num ponto, tipo, conservação não é muito falado na escola

Entrevistada: Não... e uma coisa, mas aí foge nem é falando dos jovens, quando começou toda aquela coisa do Cadastro Ambiental Rural... o pessoal vinha falando “ah, você tem que nanana... APP... nanana... nascente... nanana” o pessoal nem sabia o que era APP, não sabia o que era uma reserva legal... não era claro pra eles o que era cada coisa, então acho que é importante falar desde já.

Pesquisadora: Entendi, não contextualizava, só mandava eles fazerem o cadastro...

Entrevistada: É, eles nem sabiam o que era...

Pesquisadora: Então contextualizar esse negócio acho que ia ser uma coisa legal, né?

Entrevistada: Isso!

Pesquisadora: Tá! Aí as atividades lúdicas que eu falei pra você, tipo brincadeiras e oficinas que não abordam teoria, o que você acha que atrairia eles para os nossos encontros?

Entrevistada: Nossa, sou péssima pra isso... Sei lá... Uma tarde com filme...

Pesquisadora: Filmes?! Pode ser...

Entrevistada: Filme com pipoca... e bolo...

Pesquisadora: E bolo (risos) que a gente vai fazer na sua casa...

Entrevistada: É... saber se você cozinha....

Pesquisadora: Eu cozinho (risos) eu faço um bolo...

Pesquisadora: Tá. Você acha viável esse tipo de formato dos nossos encontros? Tipo, esses encontros que falei pra você, da gente escolher as atividades, faz um pouco de teoria e depois tem uma atividade lúdica...

Entrevistada: Eu acho que sim...

Pesquisadora: É?

Entrevistada: Que não fica cansativo até...

Pesquisadora: Aí, a gente tinha pensado, deu um total de seis encontros a cada quinze dias, você acha legal isso?

Entrevistada: Eu acho que sim...

Pesquisadora: Aí é uma vez por semana, só no sábado... você acha que dá pra gente fazer uma tarde, ao invés de uma hora só?

Entrevistada: Dá sim... Só que aí eu acho que teria que ser um pouquinho mais tarde porque duas horas (14h) tem catequese aqui, aí sei lá, começar as três (15h)

Pesquisadora: Sim, ou então de manhã, não sei...

Entrevistada: É...

Pesquisadora: Mas daí isso a gente vê com eles, mas tipo, você acha que um período seria viável?

Entrevistada: Eu acho que sim

Pesquisadora: Tá, porque aí a gente consegue fazer mais coisas num dia só.

Entrevistada: É...

Pesquisadora: Você considera viável propor a eles a produção de um vídeo/documentário?

Entrevistada: Eu acho que sim porque vai dar mais interesse pra eles estarem vindo nesses dias...

Pesquisadora: Tá! Você acha que os jovens gostam de morar aqui? Ou Preferem a cidade?

Entrevistada: Eu acho que eles gostam daqui...

Pesquisadora: Por que você acha que eles gostam?

Entrevistada: Ai, todo mundo... não sei se é porque todo mundo já nasceu aqui, porque acostuma né?! Mas eu falando de mim, eu amo esse lugar, eu só acho muito longe da cidade.

Pesquisadora: Sim!

Entrevistada: Mas eu gosto muito daqui...

Pesquisadora: Entendi. E o que você acha que eles mais gostam daqui?

Entrevistada: Acho que toda essa familiaridade... Todo mundo que é seu vizinho é seu amigo...

Pesquisadora: É muito próximo né?!

Entrevistada: Muito próximo...

Pesquisadora: É... Mas o que você acha que falta aqui no bairro para ser mais atrativo ao jovem?

Entrevistada: Falta mais acesso à Internet... acesso à comunicação de modo geral...

Pesquisadora: Comunicação...Quais atividades eles costumam de fazer por aqui? Você mencionou um pouquinho antes que eles gostam de andar a cavalo, né?

Entrevistada: Isso... tem uns jovens que sempre vão pra romaria, quando tem...

Pesquisadora: Quando eu tava na escola, um professor mencionou uma cavalhada, que ele acha que dava pra fazer uma cavalhada...

Entrevistada: É, romaria, cavalaria, mesma coisa...

Pesquisadora: Mas você acha que a gente conseguiria fazer isso? Bastante deles têm cavalo?

Entrevistada: Acho que eles têm...

Pesquisadora: É? Tá! De que maneira você acha que o nosso projeto, vai poder contribuir para a valorização da área onde eles vivem e para a conservação da biodiversidade?

Entrevistada: Vai trazer mais consciência pra eles, de certa forma eles vão passa pros pais, acho que o maior... quem é mais cabeça fechada, vamos dizer assim, são os mais velhos, então eles vão transmitir para as pessoas da casa deles...

Pesquisadora: Bom, então é isso... Obrigada!

Entrevistada: De nada.

APÊNDICE 6

JOGO PERFIL ANIMAIS

<p style="text-align: center;">Tamanduá Mirim</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O meu nome em Tupi significa “pequeno” 2. Eu gosto muito de insetos 3. Parece que estou sempre de coleite 4. Gosto de observar as coisas de cima 5. Consigo me pendurar pelo meu quinto membro 6. Gosto de mel e de abelhas 7. A minha língua mede até 40 cm de comprimento 8. Sofro com desmatamento 9. A Onça Parda é minha predadora 10. Gosto de morar sozinho 11. Eu não tenho dentes 12. Eu não enxergo muito bem 13. Meu olfato é muito apurado 	<p style="text-align: center;">Tamanduá Bandeira</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sofro com queimadas 2. A minha língua mede até 60 cm de comprimento 3. Sofro com atropelamento 4. Durmo com a cauda sobre a cabeça 5. A minha cauda possui pelos longos 6. As pessoas acham que eu dou azar 7. Sou mais avistado no Cerrado 8. Gosto de sair à noite 9. Estou ameaçado de extinção 10. Como de 30 a 40 mil insetos por dia 11. Meu nome em Tupi significa “comedor de formigas” 12. Fico quase um ano com meu filhote nas costas 13. Tenho garras poderosas 	<p style="text-align: center;">Mico Leão Preto</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou endêmico do Estado de São Paulo 2. Tenho um primo que mora no Rio de Janeiro 3. Eu sou onívoro 4. Sou leve 5. Pulo de galho em galho 6. Minha vocalização é confundida com a de pássaros 7. Estou criticamente ameaçado de extinção 8. Sou considerado patrimônio ambiental do Estado de São Paulo 9. Algumas pessoas me querem como animal de estimação 10. Fui considerado extinto por 65 anos 11. Eu tenho uma juba 12. Possuo uma mancha dourada próxima a cauda 13. Adoro insetos
<p style="text-align: center;">Lobo Guará</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou um Canídeo 2. Tenho pernas longas 3. Os meus filhotes nascem da cor cinza 4. Tenho orelhas grandes 5. O meu nome significa “vermelho” 6. A minha vocalização se chama aulido 7. Possuo uma mancha branca na ponta da minha cauda 8. Sou avermelhado 9. Tenho uma crina preta 10. Eu gosto de comer frutas 11. Me acusam de comer galinhas 12. Tem uma árvore que lembra meu nome 13. Gosto de viver sozinho 	<p style="text-align: center;">Tatu</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Possuo uma carapaça que protege meu corpo 2. Cavo buracos 3. Minha casa é uma toca 4. Possuo unhas fortes e afiadas 5. Adoro comer insetos e raízes de plantas 6. Fui mascote da copa do Brasil 7. Fico acordado a noite 8. Algumas pessoas apreciam minha carne 9. Existo somente no continente americano 10. Minha cauda é comprida e fina 11. A onça-parda é meu principal predador 12. Sou ameaçado pela degradação das matas 13. Sou primo dos tamanduás e das preguiças 	<p style="text-align: center;">Cachorro-do-mato</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou um canídeo 2. Me confundem com a raposa do campo 3. Sou acinzentado 4. Vivo em florestas, campos e cerrados 5. Sou oportunista 6. Minha cauda é peluda 7. Adoro comer insetos, crustáceos e ovos 8. Também me alimento de pequenas aves 9. Odeio queimadas 10. Aprecio restos de animais mortos 11. Atropelamentos são a principal causa de minha morte 12. Peso entre 5 e 8 kg 13. Sou também conhecido como guaraxaim

<p style="text-align: center;">Quati</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tenho um nariz comprido 2. Escalo árvores 3. Minha cauda chega até 55 cm 4. Vivo em bandos 5. Sou onívoro 6. Posso ser cinzento, amarelado e até vermelho 7. Minha cauda possui manchas em formato de anéis 8. Faço meu ninho no oco de árvores 9. Durmo no alto de árvores enrolado como uma bola 10. Minhas patas são semelhante a de ursos 11. Peso de 3 a 6 kg 12. Adoro aprontar em lavouras de milho 13. Infelizmente sou alvo de caçadores 	<p style="text-align: center;">Lontra</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou carnívora 2. Sou uma ótima nadadora 3. Adoro comer peixes e crustáceos 4. Faço tocas nos barrancos de rios e lagos 5. Muitos me acham fofa 6. Meus pelos me protegem da água fria 7. Minha pelagem é curta, macia e densa 8. Sou vítima de caçadores por causa da minha pele 9. Sou parente do furão 10. Minha cauda longa auxilia minha natação 11. Meu xixi possui um forte odor 12. Sou muito brincalhona 13. Minha coloração varia de marrom claro a escuro 	<p style="text-align: center;">Gato-do-mato</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Pareço um animal doméstico 2. Me movimento muito bem nas matas 3. Sou o menor felino da América do Sul 4. Sou amarelo-dourado com machas escuras 5. Alguns de minha espécie são totalmente pretos 6. Posso cruzar com felinos domésticos 7. Me alimento de pequenas aves, roedores e lagartos 8. Sou caçado por causa da minha pele 9. Estou muito ameaçado de extinção 10. Peso entre 1,5 e 3 kg 11. Sofro com a fragmentação das matas 12. Sou ótimo escalador de árvores 13. Pareço sempre um filhote
<p style="text-align: center;">Onça-Parda</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou também conhecida como puma 2. Sou o segundo maior felino do Brasil 3. Posso pesar até 80 kg 4. Minhas unhas são retráteis 5. Posso saltar até 5 metros 6. Fico acordada a noite 7. Guardo minhas presas para comer mais tarde 8. Sou solitária 9. Sou caçada por criadores de gado 10. Ao contrário do que pensam não ataco humanos 11. Minha cor é parda 12. Sofro com atropelamento e desmatamento 13. Meu nome indígena significa “semelhante ao veado” 	<p style="text-align: center;">Veado-catingueiro</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou um cervídeo 2. Tenho um primo famoso na Disney 3. Sou herbívoro 4. As onças são meus principais predadores 5. Sou alvo de caçadores 6. Me assusto facilmente 7. Tenho um focinho redondo e úmido 8. Minhas patas são bem delicadas 9. Minha cauda é curta 10. Minha cor varia de cinza a marrom avermelhado 11. Meu olfato é ótimo 12. Tenho orelhas grandes 13. Meu andar é elegante 	<p style="text-align: center;">Capivara</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou um roedor 2. Minha carne é muito apreciada 3. Minha pelagem é densa 4. Sou marrom 5. Posso pesar até 80 kg 6. Sou hospedeira do carrapato estrela 7. Vivo em bandos 8. Minhas patas são adaptadas para nadar 9. Vivo próximo a corpos d’água 10. Sou herbívora 11. Costumo atacar plantações 12. Sou alvo de caçadores 13. Sucuri e onças são meus principais predadores

<p style="text-align: center;">Lebre</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Também sou conhecida como tapiti 2. Tenho ótima audição 3. Sou uma ótima saltadora 4. Me confundem com um roedor 5. Me caçam pela minha pele 6. Tenho um primo que é lembrado na páscoa 7. Minha coloração é amarronzada no dorso 8. Possuo hábitos noturnos 9. Me alimento de casca, brotos e talos de vegetais 10. Sou ameaçada por uma parente europeia que foi introduzida no Brasil 11. Sou predada por onças, lobos e aves de rapina 12. Minha cauda tem formato de pompom 13. Usam meu pé como amuleto da sorte 	<p style="text-align: center;">Urubu</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou muito comum em todo o país 2. Me alimento de restos de animais mortos 3. Voo muito bem 4. Ajudo no controle de doenças 5. Possuo uma ótima visão 6. Tenho coloração enegrecida 7. Meus filhotes são brancos e fofinhos 8. Sou fundamental para a ciclagem dos nutrientes 9. Caminho dando pequenos saltos 10. Meu bico é ótimo para rasgar pele e carne 11. Não emito sons 12. As pessoas têm uma imagem ruim de mim 13. Ao contrário do que pensam eu não transmito doenças 	<p style="text-align: center;">Gavião-carijó</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tenho garras potentes 2. Sou o terror dos galinheiros 3. Me alimento de insetos, lagartos, aves e morcegos 4. Meu sobrenome é carijó 5. Serpentes são meus principais predadores 6. Vivo em casal 7. Tenho coloração marrom 8. Meu bico tem uma mancha preta na ponta 9. Atuo no equilíbrio de pragas urbanas 10. Sou comum também nas cidades 11. Tenho uma ótima visão 12. Sou uma ave de rapina 13. Meus pés são de cor amarelo forte
<p style="text-align: center;">Seriema</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tenho pernas compridas 2. Minha vocalização lembra longas risadas 3. Não voo muito bem 4. Posso correr a mais de 50km/h 5. Me alimento de insetos e pequenos vertebrados 6. Minhas pernas e meu bico são alaranjados 7. Sou cinza amarelada com riscas escuras 8. Posso pesar até 1,4 kg 9. Meu canto pode ser ouvido a mais de 1 km 10. Tenho uma longa crista formada por penas 11. Vivo em casal 12. As águias podem me predar 13. Algumas pessoas apreciam minha carne 	<p style="text-align: center;">Pomba Asa Branca</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tem uma música com meu nome 2. Canto baixo, profundo e rouco “gu-gu-guu” 3. Me alimento de sementes e pequenos frutos 4. Me adapto a centros urbanos 5. Possuo coloração branca na ponta das asas 6. Frequento roças de milho e feijão 7. Meus predadores são a coruja e o carcará 8. Na cabeça sou cor vinho 9. Meu parente europeu é considerado praga na cidade 10. Sou alvo de caçadores 11. Sou uma ave 12. Voo longas distâncias 13. Já me usaram para enviar mensagens 	<p style="text-align: center;">Suindara</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Gosto de ficar em igrejas 2. Meu nome em tupi significa “aquele que não come” 3. O formato de minha face lembra um coração 4. Posso ter 1 m de uma ponta a outra da asa 5. Engulo minha presa sem cortar pedaços 6. Atuo no controle de pragas 7. Regurgito “pelotas” 8. Me alimento de pequenos mamíferos, anfíbios, répteis e aves 9. Tenho hábitos noturnos 10. Tenho ótima visão 11. Ouço muito bem 12. Tenho garras poderosas 13. Acho lindo meu filhote (alguns discordam)

<p style="text-align: center;">Jararaca</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou venenosa 2. Causo muitos acidentes 3. Sofro com queimadas 4. Possuo escamas 5. Me irrita facilmente 6. Choco meus ovos dentro de meu corpo 7. Tenho pupila vertical 8. Meu corpo possui tons de marrom 9. Minha cabeça tem formato triangular 10. Me alimento de roedores e anfíbios 11. Meu olfato é muito bom 12. Não possuo membros 13. Meu veneno é utilizado para fins medicinais 	<p style="text-align: center;">Cascavel</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sou venenosa 2. Existe uma cidade no Paraná com meu nome 3. Retiram a ponta da minha cauda e colocam dentro de violas 4. Troco de pele conforme cresço 5. Minha língua é dividida 6. Quando acuada chacoalho meu “guizo” 7. Sou caçada por causa de minha pele 8. Não gero calor 9. Me alimento de pequenos roedores 10. Sou surda 11. Sou marrom escura 12. Sou encontrada no chão 13. Me camufla nas folhas caídas 	<p style="text-align: center;">Jacaré do papo amarelo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Já estive a beira de extinção 2. Minha criação para abate é legalizada pelo IBAMA 3. Sou conhecido pela coloração do meu papo 4. Vivo em rios e lagos 5. Minha carne é bastante apreciada 6. Meu couro é utilizado em bolsas e botas 7. Sofro com a poluição das águas 8. Cuido muito bem de meus filhotes 9. Boto ovos 10. Sou carnívoro 11. Atinjo até 2,5 m de comprimento 12. Gosto muito de tomar sol 13. Sou um ótimo nadador
<p style="text-align: center;">Tucano Toco</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Tenho um bico bem comprido 2. Predo filhotes de aves 3. Gosto de frutos e sementes 4. Faço meu ninho dentro de ocos de árvores 5. Costumo viver em par 6. As penas do meu papo são brancas 7. Meu bico é alaranjado com uma macha negra na ponta 8. Algumas palmeiras dependem de mim para dispersar suas sementes 9. Sofro com o tráfico 10. A fragmentação das matas é minha inimiga 11. Minhas pálpebras são azuladas 12. Minha vocalização é facilmente reconhecida 13. A maioria de minhas penas são pretas 	<p style="text-align: center;">Sapo ferreiro</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Meu coaxar lembra a batida de um martelo 2. Vivo em lugares úmidos 3. Tenho hábitos noturnos 4. Construo meu ninho em formato de piscina na lama 5. Me comunico através do som 6. Sofro mudanças durante meu crescimento 7. Me alimento de pequenos invertebrados 8. Caço com minha língua pegajosa e certa 9. Sou um ótimo saltador 10. Posso botar até 4 mil ovos 11. Canto para atrair a fêmea 12. Me reproduzo na época chuvosa 13. Minha fase larval se chama “girino” 	<p style="text-align: center;">Carcará</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Como tudo que vejo pela frente 2. Sou facilmente encontrado em beira de estradas 3. Tenho um topete escuro 4. Meu nariz é alaranjado 5. Meu pescoço é branco 6. Minhas asas são marrons 7. Ao contrário do que pensam meu bico não é adaptado para rasgar pele 8. Meu nome em tupi significa rasgar com a unha 9. Sou visto em centros urbanos 10. Sou comumente avistado em casal 11. Levo esse nome devido a minha vocalização 12. Sofro com atropelamentos 13. Sou parente distante dos falcões

APÊNDICE 7

TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL – AVALIAÇÃO FINAL

Pesquisadora: O que é a Expedição Campina dos Leites? Eu quero que vocês falem porque a gente chegou nesse nome, o que aconteceu?

Pesquisadora: A avaliação que eu digo é do nosso processo, ninguém tá sendo avaliado.

Jovem 1: Campina dos Leites porque quando as terras daqui foram colonizadas, habitadas por pessoas que desenvolveram a vida, a família e a economia aqui, todo esse bairro era chamado de campina, tanto o bairro dos modestos, nunes, leites, se não me engano batalheira, todo esse conjunto do que a gente conhece hoje era denominado a campina dos leites. E expedição porque a gente passou por vários lugares do bairro.

Orientadora: Alguém quer complementar o que a Magda falou? Vocês podem complementar, não precisa falar uma versão nova daquilo.

Pesquisadora: Mas o que a gente fazia?

Jovem 2: Então, nesses encontros além da gente ter se divertido também foi importante porque as vezes a gente nem tinha uma relação com os outros aí, e a gente acabou se divertindo todo mundo junto e pra conhecer alguns lugares do bairro que a gente nem sabia que tinha também, né. As vezes via só na rotina ali.

Jovem 3: Eu acredito que campina sejam vastos campos, vasta vegetação que tem no ambiente antigamente, que foi despovoando de acordo com a população foi chegando, foi sendo como se fosse destocado a vegetação.

Pesquisadora: Mas se vocês fossem explicar pra alguém que não sabe o que gente fez. Lembra que expedição campina dos leites virou o nome no fim do meu projeto? Eu falei pra vocês. Então, se fosse pra explicar assim pra alguém que não conhece, o que é a expedição campina dos leites?

Jovem 2: Foram passeios que os jovens fizeram no bairro conhecendo alguns pontos que não conheciam e também.

Jovem 4: A gente foi ressaltando os pontos importantes do bairro porque a maioria que conhecia era só os antigos, eram só os idosos, e a gente não

conhecia, foi meio que uma expedição pra gente conhecer os pontos positivos do nosso bairro e os pontos que a gente não conhecia que a gente conhecia meio que o que os outros conheciam, sei lá...

Jovem 1: E a expedição também foi pra mostrar o que o jovem faz aqui

Jovem 2: E também pra mostrar além da realidade do jovem, a relação que ele tem com a natureza e a importância da natureza na vida de cada um.

Jovem 3: A relação da natureza que tá se perdendo né

Orientadora: Acho que agora contemplou essa...

Pesquisadora: O que vocês esperam dos resultados? Os resultados que eu digo é o nosso vídeo, o mapa e as fotos, o que vocês esperam disso?

Jovem 2: As outras pessoas ou nós?

Pesquisadora: Vocês

Jovem 2: O que a gente espera de nós ou de outras pessoas?

Pesquisadora: Não, tipo, o vídeo, o que a gente vai fazer com o vídeo, o que a gente vai fazer com o mapa, o que a gente vai fazer com as fotos?

Jovem 1: Eu quero compartilhar muito esse vídeo, em todas as nossas redes sociais, mostrar para os alunos, quero guardar pra mostrar para os meus filhos...

Jovem 2: Ah, eu acho que é importante, porque as pessoas pra elas conhecerem também sobre o bairro, porque algumas tem preconceito quando a gente fala que é do bairro dos leites. Daí eles veem que tem coisa boa também

Jovem 1: O jovem da zona rural, ele foi muito tachado, na minha época de escola... E quanta coisa legal a gente pode mostrar nesse vídeo

Jovem 2: É, a gente pode mostrar a importância que o bairro tem pra gente, porque muita gente não conhece, né, ou pensa que não tem importância, mostrar os valores que o bairro tem pra gente

Jovem 4: E a gente tem mais contato com aquilo que parece que todo mundo vê, mas ninguém se importa mais, é uma coisa você tentar ter mais contato com aquilo que você sempre vê, mas você nunca tem realmente um contato direto com isso.

Pesquisadora: O que vocês farão em respeito aos problemas ambientais que a gente encontrou durante esse período? O que vocês farão a respeito disso? Por exemplo, o rio pinheirinho que tá diminuindo a vazão, e agora?

Jovem 3: Dizem que o Eucalipto com um certo tempo ele para de puxar muita água, só que não pode cortar ele, né.

Jovem 2: É, depois que tirou toda a água ele para mesmo

Jovem 1: Gente, vamos parar de crucificar o eucalipto, o foco é reflorestar as nascentes e córregos.

Jovem 3: Mas aqui ele é um vilão porque tem muito. Em outro lugar tudo bem, mas aqui ele é um vilão não tem jeito.

Jovem 2: O que vocês acham de gente plantar árvore lá no rio pinheirinho então?

Jovem 1: Eu acho ótimo, tem mudas na prefeitura.

Jovem 2: Mas primeiro a gente tem que limpar, tem muito lugar que tá muito sujo de mato, acho que é importante limpar porque meu pai limpava antes, mas parou também.

Pesquisadora: Então, lembra que a gente foi até lá e a gente viu que o eucalipto não tá tão perto assim da nascente?

Jovem 1: Pela lei tá tudo certo.

Pesquisadora: Mas então o que será que tá causando a diminuição da vazão?

Jovem 5: A falta de mata ciliar?

Jovem 1: É que o foco tá sendo muito no local que tem o eucalipto, mas o pessoal esquece de preservar onde o rio pinheirinho passa, por exemplo, no seu quintal, não tá florestado, então é investir nisso, na conscientização de “esqueça a indústria ali, esqueça o plantio comercial, cuide do seu quintal, do seu terreno onde tem um corpo d’água”

Jovem 2: É aquela velha mania, né, de não ter consciência e falar dos outros não falar do seu

Jovem 1: Muito fácil você criticar a empresa florestal e não florestar o seu córrego ou a sua nascente.

Jovem 4: Eu acho que muitas vezes também essas nascentes se perdem porque os moradores ou os donos do terreno onde tem essa nascente não sabem como preservar, digamos assim, planta (vamos falar do eucalipto de novo) planta eucalipto perto na hora secou a nascente, ou não cuidou, a nascente vai secar, então se você meio que ensinar eles ou tentar explicar o porquê da secagem das nascentes, talvez eles mudem a opinião deles, né.

Jovem 2: Ou talvez também, quando cortam o mato pra fazer pasto.

Jovem 4: Eles pensam na hora eles não pensam no futuro, eles pensam assim agora o gado precisa comer, mas e depois? Depois eles vão ficar com sede.

Jovem 2: Eles não têm consciência que acabando com o mato não tem água e ainda fere o solo

Jovem 4: Aí, aumenta a acidez do solo e com isso já não dá pra plantar mais e vai gerando mais problema, é isso, um problema vai puxando o outro.

Pesquisadora: Então, mas vocês pretendem fazer alguma coisa? Investigar a verdadeira causa ou não? Por que a suspeita do eucalipto a gente já descartou

Jovem 1: Quero fazer um artigo sobre isso

Jovem 3: Deve ser a mata que está faltando, né? Falam que onde a nascente é a torneira né, pra cima é a caixa d'água, a caixa d'água é a vegetação.

Pesquisadora: Então, a gente foi só na nascente, né, a gente não percorreu ele todo

Jovem 2: Então, lá, meu pai tem um pasto que ele deixa a vaca, que tá acabando a água

Pesquisadora: E é do rio pinheirinho?

Jovem 2: É lá onde nós fomos mesmo

Jovem 1: E como é a margem dele? No terreno do seu pai, tem mata?

Jovem 2: Tem muito pouco, não é o suficiente

Jovem 1: Isso é uma recomendação pra futuros estudos, nossa eu me interessei em fazer alguma coisa aqui.

Jovem 3: A primeira solução é a visão né, todo mundo tá vendo que não tem.

Pesquisadora: Sabe uma coisa que eu acho legal também, no dia da palestra na Maria Aparecida isso foi o problema mais falado, eu acho que se vocês investigassem e dessem um retorno para os mais antigos que falaram, até o senhorzinho, o Zé Miguel, ele falou bastante, então imagina se vocês investigassem e falassem pra ele "olha, seu zé Miguel, não é assim, o verdadeiro problema..." dar um retorno pra ele, sabe? Não seria interessante fazer isso?

Jovem 1: Sim

Pesquisadora: O que vocês aprenderam durante os encontros?

Jovem 1: A Hellen aprendeu a fazer trilhas

Pesquisadora: Além das brincadeiras, vocês que tiveram aproveitamento em outras coisas?

Jovem 2: Ah, eu acho que a valorizar um pouco mais o bairro, porque a gente vive muito na rotina, por exemplo a cachoeira da Magda, nós zuamos ela, mas é um lugar bonito...

Jovem 1: Claro que é...

Jovem 2: Na cachoeira da Rosa eu nunca tinha ido...

Jovem 1: Verdade

Jovem 2: Tem a caverna que tem que ir ainda, a cachoeira do Martinho que ninguém quis descer...

Pesquisadora: Vocês tiraram algum conhecimento que vocês vão levar pro resto da vida? Durante esses encontros que a gente fez...

Orientadora: Coisas que vocês realmente não sabiam ou não tinham vivenciado que vocês acham que os encontros proporcionaram...

Jovem 4: A importância de preservar a mata ciliar né, porque a biodiversidade, se um dia essa mata ciliar acabar a biodiversidade também vai sumir porque uma é dependente da outra, então, alguma coisa a gente vai ter levar que é isso, meio que ficou mesmo, porque se um dia acaba essa mata acaba os bichos...

Jovem 2: E se acabar a mata, acaba as cachoeirinhas...

Jovem 3: Se acaba a mata acaba a água

Jovem 4: Acaba a água e acaba nós

Jovem 2: Mas teve um dia do encontro lá que você trouxe aqueles negócios da biodiversidade lá, eu achei interessante

Jovem 1: Dois dias

Orientadora: Que falou sobre a mata atlântica?

Jovem 2: A brincadeira dos bichinhos lá, interessante também

Jovem 3: Eu vim muito pouco nos encontros que teve

Pesquisadora: Foi? Você acha que ok?

Orientadora: Só retomando isso que vocês falaram, das coisas que vocês aprenderam que vocês acharam importante no encontro, vocês entendem que, vocês estariam dispostos a realmente se mobilizar numa situação de necessidade de intervir em alguma situação que vocês estão vendo que vai prejudicar a natureza aqui da região, a propriedade de vocês, a biodiversidade, enfim, vocês estariam dispostos a fazer isso, vocês acham que vocês fariam isso ou individualmente ou coletivamente, vocês estariam dispostos a fazer alguma coisa? Vocês acham que se sentiriam estimulados e realmente fariam? Ou vocês acham que é uma coisa de tipo, a hora que a Bruna for embora, acabou?

Jovem 2: Ah, eu acho que o que falta um pouco é o estímulo, né, porque as vezes a gente sente que sim, mas o que faltava era isso, aí com esse trabalho dela acho que foi mais ou menos isso, um empurrãozinho, eu acho.

Orientadora: Então, hoje vocês acham que teriam condições de se reunir pra discutir um tema ambiental, uma questão, um problema do bairro e tomar uma atitude, por exemplo?

Jovem 4: Dá pra gente passar o que a gente aprendeu

Jovem 3: Vocês não fazem trabalho pro lado do bombom ali, aqueles lados onde tem muita pouca água?

Pesquisadora: Eu não sei onde é

Jovem 3: Porque lá a água tá sumindo

Jovem 1: É um bairro aqui perto

Pesquisadora: A Viviane falou algo interessante, vocês acham que vocês tem condições de repassar isso que vocês aprenderam? Para os mais jovens, por exemplo. A gente falou de biodiversidade, de mata atlântica, nos joguinhos, vocês acham que dá pra fazer isso com outros, tipo, seus alunos na catequese? Você acha que dá pra conversar com eles sobre isso, sobre biodiversidade, por exemplo?

Jovem 2: Ah, dá, mas tem o

Jovem 4: Criança assim acho que não compensa, porque vai levar tudo na brincadeira

Jovem 1: Ah, compensa, o Kauã, irmão da Hellen, ele tem sete anos, e tudo o que ele aprendeu na escola, tipo não jogar lixo, ele fica muito bravo se ele vê minha irmã fazendo qualquer coisa né, ele chama a atenção, e todo mundo acho que da idade dele cresce com isso, aprende, nossa ele é um ambientalista.

Jovem 2: Mas e com os pais? Vocês falam isso com os pais?

Jovem 1: Na minha casa sim, mas eu acredito que a base da criançada, ali na primeira infância, eles recebendo isso, eles vão passa para os pais

Orientadora: Eles crescem já com esse pensamento

Jovem 2: Ah, tem a escolinha na batalheira, a gente pode ir lá também, passar o vídeo, conversar com eles

Jovem 4: Verdade

Jovem 2: Tem uns jovens ali da batalheira que a gente tem contato, pode conversar com eles, a galerinha do grupo de jovens, conversa com a Dione

Jovem 1: Verdade

Pesquisadora: Então era isso o que eu queria saber, porque as vezes, tipo, eu venho aqui a gente tem uma discussão legal, a gente aprende muita coisa junto, mas esse aprendizado vai ficar só aqui?

Jovem 1: Eu acredito que divulgando o vídeo, é um gancho pra gente começar a falar, “olha o documentário que a gente fez”

Jovem 2: Por que muitas vezes as pessoas nem sabem o que tem aqui

Jovem 1: É, só de falar ninguém vai dar muita atenção

Jovem 2: As pessoas nem sabem os problemas que tem aqui, eles falam os problemas que tem fora, tipo outros lugares, as vezes o problema tá aqui mesmo.

Pesquisadora: Então vou supor outra coisa, alguém lá cidade vem e fala pra vocês assim “ah, tá loko, vocês moram no bairro dos Leites, só tem vaca lá” vocês vão falar o que?

Jovem 2: Ah, tem cachoeira também

Jovem 1: Tem bastante vaca grande, aí a gente vai mostrar o vídeo.

Pesquisadora: Então vocês vão pegar sacar o DVD do bolso e falar “tó, olha aqui o bairro dos Leites”

Orientadora: Vocês conhecem o bairro dos Leites de verdade

Jovem 2: Ah, a importância que sua casa tem pra você, a minha tem pra mim.

Jovem 1: Sim, e eu acho que esse vídeo cria argumentos pra gente, argumentos sólidos e consistentes, porque tá ali, tá embasado. Só de dizer que alguém pesquisou, a Bruna, vai tá lá que você é mestranda, já dá total crédito num jovem que vai assistir.

Pesquisadora: Ok, próxima pergunta. Como ficou a relação de vocês com o bairro após os encontros?

Jovem 4: Ficou mais próximo, porque a gente descobriu muita coisa que a gente não conhecia.

Jovem 3: E eu descobri que a Kelly e a Viviane falam bastante.

Jovem 2: Ah, mas é um trabalho que estão desenvolvendo com a gente, que não é só aqui também, tem outras coisas de fora

Jovem 1: A Hellen não conhecia esses lugares que a gente foi

Jovem 2: Eu achava que a Hellen era menininha metidinha sem graça, até que não é tanto

Jovem 4: Mudou totalmente nossos conceitos

Pesquisadora: então a gente pode dizer que vocês conheceram o bairro, o espaço físico...

Jovem 1: E nós mesmos

Pesquisadora: E uns aos outros...?

Pesquisadora: Vocês consideram que aprenderam algo novo?

Jovem 2: Sim, muitas coisas a gente aprendeu na escola, a gente aprendeu na teoria, agora a gente aprendeu na prática.

Jovem 3: Na verdade a gente tá vivendo a pratica né

Pesquisadora: Agora, qual sentimento vocês têm em relação as atividades que a gente fez?

Jovem 1: Ah, eu amei, não sei dizer só sei sentir...

Pesquisadora: Mas assim, quando vocês lembram dos nossos encontros qual o primeiro sentimento que vem à cabeça assim...

Jovem 4: Acho que companheirismo... é um sentimento? Não sei

Jovem 2: Acho que além de divertido foi interessante, primeiro vem a diversão, mas depois da diversão a gente aprendeu

Pesquisadora: Vocês consideram por exemplo que vai ficar uma memória boa?

Jovem 1: Sim, muito

Jovem 2: Vai

Pesquisadora: Ou ruim?

Orientadora: Vocês acham que quando estiverem que nem a dona Ondina assim, e alguém vier perguntar pra vocês o que vocês vão falar? Daquilo que vocês fizeram lá atrás...

Jovem 1: Ah, vai ficar na memória, a gente vai falar “ah, uma pesquisadora, da universidade de São Carlos, ela se interessou muito por aqui... ela desenvolveu um projeto com os jovens daqui, a comadre Viviane, o compadre Matheus falou sobre a onça... que naquela época tinha onça aqui”

Pesquisadora: E seu neto vai falar “o que é onça, vó?”

Jovem 2: É aquele desenho dos 50 reais.

Pesquisadora: Pronto? O que vocês acham que a gente poderia ter feito e não fizemos?

Jovem 2: Ir na caverna

Pesquisadora: Algum lugar que a gente poderia ter ido e não foi, vocês já falaram, mas será que ficou faltando algum assunto que a gente poderia ter abordado e não abordou?

Jovem 2: Ter falado mais do mico, depois a gente vê que a gente tem curiosidade em saber

Pesquisadora: Depois que encontra com ele ao vivo?

Jovem 2: É um encontro fascinante, nossa foi da hora mesmo encontrar sabe, foi interessante

Jovem 1: Falar mais sobre os animais da estação ecológica

Pesquisadora: Vocês estão satisfeitos com o resultado final?

Jovem 1: Eu estou

Jovem 2: Sim

Jovem 4: Eu estou também

Orientadora: Todo mundo ficou satisfeito gente, com o resultado?

Jovem 4: Ah, eu gostei

Pesquisadora: Tirando alguns ajustes ou outro que a gente vai fazer

Jovem 1: Tirando coisas técnicas, eu gostei muito

Pesquisadora: E onde vocês acham que a gente pode usar esse vídeo?

Jovem 1: Nas escolas, tanto para os pequenos, eu acho que a linguagem que foi falada, dá pra passar para os pequenininhos, dá pra passar para o fundamental, dá pra passar para o ensino médio...

Orientadora: Vocês tinham falado outros lugares também que vocês tinham pensado

Jovem 2: É nos grupos de jovens que a gente vai

Jovem 1: Acredito que vai servir também como uma base bibliográfica pra pessoas que trabalham com coisas sociais e ambientais, né

Pesquisadora: Sim, com certeza. É, agora se a gente fosse programar uma segunda expedição campina dos Leites, o que a gente faria de diferente?

Jovem 1: Acho que a gente poderia percorrer esses rios, que a gente não percorreu, que a gente só foi nas nascentes, e analisar a situação da mata ciliar

Jovem 3: Ver a água

Jovem 2: Ter um olhar mais crítico

Jovem 1: E pegar mais alguns... aí fica difícil porque eu já penso na parte mais laboratorial, de coleta, de material, pra ver a qualidade da água...

Orientadora: Vocês podem fazer parcerias, vocês não precisam vocês fazerem isso

Jovem 5: Mas aí precisa de dinheiro

Orientadora: Se vocês fizerem parceria com alguma universidade por exemplo, que tenha alguém que queria, ou que faça análise de água, ou a própria agência de abastecimento aqui, pode fazer e passar esses dados pra vocês. Vocês tem que criar essa demanda.

Jovem 1: Sim

Pesquisadora: Mas por exemplo, o modo de como nossos encontros eram realizados, vocês acham que isso dava pra manter, ou vocês fariam algo diferente?

Orientadora: Tipo em outro dia, em outro horário, em outro formato, com outras estratégias, ou não?

Jovem 2: Ah, por mim sim, manteria a mesma coisa

Jovem 1: Outro dia é complicado porque o pessoal vai pra escola né, durante o dia, a não ser que fosse um intensivão de férias, seria uma semana lá das férias de dezembro ou de julho

Pesquisadora: A Kelly falou uma coisa legal, a gente foi com um olhar, no nome já dizia expedição, era um olhar exploratório, a gente foi, se enfia no meio do mato, e ia explorar, então essa, se a gente fosse elaborar uma segunda expedição, podia ter uma outra visão, algo investigativo, investigar a qualidade das águas, sabe? Ou então, fazer algo temático, por exemplo: segunda expedição campina dos Leites – águas, ou então algum outro tema, sabe

Jovem 5: Segunda temporada

Pesquisadora: É. Vocês pretendem continuar tirando fotos e fazendo vídeos, assim como modo de se expressar ou de comunicar alguma coisa?

Jovem 2: Ah, eu sim

Orientadora: De passar alguma mensagem

Jovem 3: Eu tenho que trabalhar com o celular

Pesquisadora: No bolso, pra pegar os flagrantes

Jovem 2: Ah, por que que nem essa fotinha que eu tirei aí, imagina que, nunca ninguém ia ver que ia ser uma coisa tão bonita, não é só porque é meu, mas né, porque isso aqui é no quintal da minha casa, abri a janela e tava lá, não que foi assim a história, mas

Jovem 4: Você deitou na grama pra tirar essa foto aqui?

Jovem 2: Não, só fiquei de cócoras

Pesquisadora: Então, mas por exemplo, vocês falaram que pretendem, mas o que vocês têm em mente, tipo, vocês conseguem idealizar outro vídeo, falando de outra coisa, outro tema?

Jovem 2: Ah, por enquanto ainda não

Jovem 4: Mas qual tema?

Jovem 1: Ela tá perguntando, outro tema

Jovem 4: Sobre aqui o bairro, tipo cultura? Sei lá

Pesquisadora: Ou qualquer outra coisa, algum assunto, entendeu? Por exemplo, to dizendo assim, vocês acham que fotos e vídeos é um meio de comunicação pra expressar, falar sobre determinado assunto?

Jovem 4: É, porque é um meio que auxilia muito né, pra você estar comunicando aí, acho que é uma forma que todos entendem

Orientadora: Mas vocês acham que pro jovem em especial, é uma das ferramentas que funciona assim pra que vocês possam expressar a opinião de vocês?

Jovem 4: Acho que sim, por que acho que a maioria anda com o celular

Jovem 1: É mais atrativo né

Jovem 2: Por que vá pegar um texto pra conversar com o jovem, não dá né

Jovem 1: Nem slides rola

Jovem 4: Ai dá sono slide, dependendo do slide

Orientadora: Vocês seguem por exemplo algum canal no Youtube?

Jovem 5: Vários

Jovem 4: Vários, Felipe Neto...

Jovem 1: Você pode ser uma Youtuber ambiental

Orientadora: Mas vocês concordam que a maior parte dos youtubers, eles não fazem vídeos profissionais, ainda o que vocês fizeram aqui é um documentário mesmo, teve uma edição, e tal, essas pessoas não, elas pegam o celular, gravam elas mesmas falando, mostrando alguma coisa e pronto, né. Então quer dizer, vocês teriam condições de fazer isso se fosse do interesse de vocês pra postar e sei lá, um dia encontrei com o mico-leão-preto vou gravar um vídeo aqui porque sei que é uma espécie rara que tem aqui na região onde eu moro e vou

postar pra todo mundo saber que esses bichos ocorrem tão próximo da gente. O que vocês acham, seria interessante, por exemplo? Daria pra fazer?

Jovem 1: Sim, daria

Jovem 3: Dá né

Orientadora: Vocês acham que a partir desse projeto, a partir dessa proximidade que vocês tiveram com esse tema, com essas ferramentas, vocês se sentem com vontade de fazer coisas, não tão elaboradas, mas coisas simples utilizando essas ferramentas pra comunicar coisas que acontecem no dia a dia de vocês ou pra passar uma mensagem, enfim, que nem a gente falou, de criar o canal do Instagram, pra poder postar imagens daqui, da vida de vocês aqui no bairro, das paisagens, das coisas bonitas, ou mesmo dos problemas ambientais como uma forma de denunciar, mostrar o que tá acontecendo também, vocês acham que isso rolaria ou não? É sobre essas coisas que a gente gostaria que vocês falassem um pouco.

Pesquisadora: Tipo, vocês acham que uma foto dá pra gerar uma discussão? Dependendo do que foi fotografado.

Jovem 3: Dá

Jovem 2: Dá

Pesquisadora: Então eu posso por exemplo, fazer uma denúncia através de uma foto?

Jovem 2: Claro que pode

Pesquisadora: Posso enaltecer a beleza de um lugar através de uma foto?

Jovem 2: Lógico

Jovem 1: Sim

Jovem 3: Pode

Pesquisadora: Posso expressar o que eu penso através de uma foto?

Jovem 2: Sim

Pesquisadora: E vocês continuar fazendo isso?

Jovem 4: Não

Jovem 3: Acho que vai

Jovem 1: Fica o questionamento

Jovem 2: Acho que vai de cada um

Hellen: ah, eu faria

Jovem 3: Se um pode todo mundo pode

Pesquisadora: Se eu criar um usuário, todo mundo vai alimentar com pelo menos uma foto?

Jovem 1: Sim

Jovem 2: Primeira vai ser eu

Jovem 5: Acho que no facebook fica mais da hora

Pesquisadora: Vocês acham que no facebook tem mais alcance?

Jovem 4: Acho que sim, onde que vocês iam, no Instagram que vocês iam fazer? Eu não tenho instagram

Jovem 5: A maioria da turma não usa instagram

Jovem 3: É, eu também não tenho

Jovem 1: Eu uso muito instagram

Jovem 1: Acredito que no facebook sim, mas pra ficar postando foto, não só texto daí, vamos criar as regras

Jovem 2: É, porque quem que vai ver a foto, e tipo um jovem, vê a foto, olha que foto legal, aí vai ver o texto, vai lá “ver mais” é muita coisa, aí se a pessoa quiser ela pergunta né

Jovem 4: Põe “interessados em saber mais sobre a foto, chamar inbox”

Pesquisadora: E se a gente por exemplo, cria os dois e sabe quando vai postar a foto no Instagram publica nos dois?

Jovem 1: Eu gosto assim

Pesquisadora: Aí agrada as duas pessoas. Outra coisa...

Orientadora: Mas tem que criar um facebook, ou vincula ao facebook de cada um?

Jovem 1: Tem que criar

Orientadora: Tem que criar um com o mesmo nome, daí?

Jovem 1: É

Pesquisadora: E convidar todos os amigos pra curtir a página

Jovem 2: Obrigiar os amigos a curtir

Pesquisadora: Outra coisa que eu esqueci de perguntar, como que vai ser nossa estratégia de divulgação do vídeo? Porque eu acho que ficou muito legal, mas quem que para pra assistir um vídeo desse tamanho no facebook?

Jovem 4: Acho que ninguém

Jovem 2: Ninguém

Jovem 1: Tem como fazer um menorzinho, tipo só pra divulgar?

Pesquisadora: Eu pensei tipo nuns “melhores momentos” ou um trailer, daí a gente põe só 2 minutos e meio, 1 minuto e meio

Jovem 2: Um minuto e pouquinho, 2 minutos já é muito

Jovem 1: Eu tenho preguiça pra ver vídeo de mais de 2 minutos

Pesquisadora: Um minuto então, fechado.

ANEXO 1

Questionário

Nome: **JOVEM 1**Idade: 15 anosBairro: Barro do SítioEmail e telefone (opcional): 99660-8894 (75)**Sobre o lugar onde você mora:**

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

Sim, Eucalipto e Milho, gado, curral, galinha e cachorro.

De onde vem a água que abastece sua casa?

da mina da via sacralta

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

lixo orgânico, lixo seco, vidro, galinha e lixo do curral.

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

Sim, cachorro, 3 cachorro.

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

Já, jacaré, tatu, capivara, jacaré.

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

Eucalipto, pinheiro, Magnólia, etc.**Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:**

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

Vários espécies juntos em um lugar só.

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

Uma mata fechada.

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

Cuidar de uma planta.

JOVEM 1

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Andar a cavalo

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

Não fazer lixo, não queimar lixo

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

Sim, porque lá é meu bairro, mais tranquilo.

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

Não mudaria nada.

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM NÃO

Tem acesso à Internet?

SIM NÃO

Usa redes sociais?

SIM Quais?: Facebook, Zap Zap

NÃO

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM NÃO

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM NÃO

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM NÃO

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre tecnologias da informação?

SIM NÃO

Agradecemos sua participação!

Questionário

Nome: JOVEM 2

Idade: 18 ANOS

Bairro: Bairro DOS LEITES

Email e telefone (opcional): 997130306

Sobre o lugar onde você mora:

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

SIM, HORTAS E Pra baixo De casa O ESTADO FLORESTAL.

De onde vem a água que abastece sua casa?

De Poços ARTESIANOS.

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

DO CAMINHÃO AO ATERRO SANITÁRIO.

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

SIM, 2 GATOS, 6 CACHORROS.

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

SIM, ONÇAS, COBRAS, MACACOS SACUI.

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

EUCALIPTOS, ÁRVORES FROTÍFERAS.

Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

VIDA DOS SERES VIVOS.

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

AQUELAS que nunca foram tocadas pelo Homem.

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

O MODO DE SUSTENTAR PAISES, CIDADES FAMILIAS ETC.

JOVEM 2

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

PROTEGER OS ANIMAIS E O MEIO
AMBIENTE.

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

CELULAR, TV ETC.

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

NÃO COPTAR AS ÁRVORES, NÃO JOGAR
LIXOS NAS RUAS E NÃO MALTRATAR OS
ANIMAIS.

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

SIM, POR QUE LÁ É UM LUGAR BEM
TRANQUILO.

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

O BAR, TRAZERIA PARA PERTO DE CASA.

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM (X) NÃO ()

Tem acesso à Internet?

SIM (X) NÃO ()

Usa redes sociais?

SIM (X) Quais?: FACEBOOK

NÃO ()

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM (X) NÃO ()

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM () NÃO (X)

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM () NÃO (X)

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre
tecnologias da informação?

SIM (X) NÃO ()

Agradecemos sua participação!

Questionário

Nome: **JOVEM 3**
 Idade: 20
 Bairro: Leitas
 Email e telefone (opcional): 996099782

Sobre o lugar onde você mora:

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

milho, árvores, cavalo, vaca, porco

De onde vem a água que abastece sua casa?

Mina

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

Coleta seletiva

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

Sim, 2 cachorros

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

Sim,

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

eucaliptos, camborá

Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

diversidade de biomas,

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

Mata que já existia antes do homem.

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

Coisas que não agredem a natureza

JOVEM 3

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

para preservar o ecossistema da região

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

andar a cavalo

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

Não agredir a natureza

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

Sim

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM (X) NÃO ()

Tem acesso à Internet?

SIM (X) NÃO ()

Usa redes sociais?

SIM (X) Quais?:

NÃO ()

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM (X) NÃO ()

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM (X) NÃO ()

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM () NÃO ()

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre tecnologias da informação?

SIM (X) NÃO ()

Agradecemos sua participação!

Questionário

Nome: **JOVEM 4**Idade: **74**Bairro: **Leites**Email e telefone (opcional): **015998508246****Sobre o lugar onde você mora:**

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

Arvores, flores, vacas, coelhos, galinhas,

De onde vem a água que abastece sua casa?

Poço artesiano

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

Arvores ornamentais, orgânicos vai pro plantação de capim fertilizante natural

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

3 coelhos 10 galinhas.

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

macacos acho que (maguá) e outros, onça-parda.

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

Muito eucalipto, ipê e resto de não sei.**Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:**

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

todo tipo de vida, fauna e flora.

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

Mato que nunca foi tocado pelo homem.

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

Como agente se sustenta e como modifica as coisas a longo prazo: Natureza.

JOVEM 4

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

Para analisar a vida, no mata protegida o desmatamento

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Ir na cachoeira.

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

Parar de ser burro e jogar o lixo no lixo.

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

Gosto porque é menos poluído do que a cidade

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

O bar é mais longe de casa e Wi-Fi do vizinho não pega a rede no celular

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM (X) NÃO ()

Tem acesso à Internet?

SIM () NÃO () as vezes

Usa redes sociais?

SIM (X) Quais?: Facebook, Whats App.

NÃO ()

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM (X) NÃO ()

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM () NÃO (X)

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM (X) NÃO ()

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre tecnologias da informação?

SIM (X) NÃO ()

Agradecemos sua participação!

Questionário

Nome: JOVEM 5Idade: 16Bairro: Bairro dos IitêsEmail e telefone (opcional): 015 99820-21242**Sobre o lugar onde você mora:**

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

Sim, plantação de eucalipto praticamente no Bairro todo, criação de gado (vacas)

De onde vem a água que abastece sua casa?

A água vem de um poço feito em casa

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

Os recicláveis a comunidade passa 1 vez por mês

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

Sim, cachorros e 3 gatos

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

Sim, jacans, maritacas...

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

Wãõ árvores grandes mas não sei o nome**Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:**

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

vida humana e as aches,

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

matas nativas e as árvores que nasceram ali por conta própria sem ajuda do homem

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

não sei, já ouvi falar mais não sei explicar

JOVEM 5

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

para cuidar um pouco do nosso planeta e para
mexer para as outras pessoas a preservação
do meio ambiente

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

me mexer na internet, mas não gosto ficar em casa
gosto de sair e ver a natureza

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

cuidar dos rios ou rios não mexer com produ-
tos químicos por perto e jogar os lixos nos devidos
lugares.

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

Sim, por que eu acho estar em contato com
a natureza

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

A coleta de lixo deveria passar mais vezes

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM (X) NÃO ()

Tem acesso à Internet?

SIM (X) NÃO ()

Usa redes sociais?

SIM (X) Quais?: Facebook, WhatsApp, Instagram e Snapchat
NÃO ()

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM (X) NÃO ()

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM () NÃO (X)

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM (X) NÃO ()

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre
tecnologias da informação?

SIM (X) NÃO ()

Agradecemos sua participação!

Questionário

Nome: **JOVEM 6**Idade: 15Bairro: dos leitesEmail e telefone (opcional): 996536735**Sobre o lugar onde você mora:**

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

sim. plantação de milho e criação de gado

De onde vem a água que abastece sua casa?

poço

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

deposição de lixo

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

sim 1 gato e 1 cachorro

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

sim Onça, Sincema

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

ipe,**Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:**

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

o estudo sobre biomas brasileiros

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

-

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

-

JOVEM 6

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

não sei pois moro a pouco tempo na cidade de Angatuba.

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Conversar com meus amigos nas redes sociais.

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

acho que poderia melhorar mais nos liços fagados nos ruas, entulhos etc...

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

não faz eu sempre moro na cidade e moro no sítio e suizo por um lado e bom por outro

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

Eu gostaria teres em todos os bairros do sítio para ter acesso a internet e telefone

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM (X) NÃO ()

Tem acesso à Internet?

SIM (X) NÃO ()

Usa redes sociais?

SIM (X) Quais?: FACEBOOK WHATZAPP

NÃO ()

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM (X) NÃO ()

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM () NÃO (X)

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM (X) NÃO ()

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre tecnologias da informação?

SIM (X) NÃO ()

Agradecemos sua participação!

Questionário

Nome: **JOVEM 7**

Idade: 16 anos

Bairro: Seiten

Email e telefone (opcional): 998755221

Sobre o lugar onde você mora:

Há algum tipo de plantação ou criação onde você mora? Qual?

Sim milho, cana e criação de gado

De onde vem a água que abastece sua casa?

mina e também tem o da cachaça

Para onde vai o lixo produzido em sua casa?

para reciclagem

Possui animais de estimação? Quantos e quais?

Sim 2 cachorros, cabras e galinhas

Você já viu/ouviu animais nativos (não domesticados) na região? Quais?

Sim Onça preta, cachorro do mato

Quais tipos de árvores têm perto da sua casa?

Eucalipto, ipê, pinheiro, acácia etc...

Sobre o que você entende por alguns conceitos ambientais:

O que é Biodiversidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

Biodiversidade é a variedade de espécies que habitam o ambiente

O que é mata nativa? Escreva o que sabe sobre o tema.

É a mata que por crescer naquele lugar, ela é nativa daquele lugar

O que é sustentabilidade? Escreva o que sabe sobre o tema.

Ações humanas que visam suprir as necessidades atuais das pessoas humanas, sem comprometer as futuras gerações

JOVEM 7

Para que serve a Estação Ecológica de Angatuba? Diga o que sabe a respeito.

Para proteger o fauna e a flora da cidade

Sobre você:

O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Andar o cavale

O que você acha que poderia fazer para proteger a natureza?

Plantar árvores, não jogar lixo no chão etc.

Você gosta de morar no seu bairro? Por quê?

Sim, pois lá eu me sinto mais a vontade eu gosto de ~~de~~ lidar com gado e cavale

Se você pudesse mudar algo na região onde vive, o que mudaria?

~~Eu~~ Eu mudaria a forma das pessoas pensarem perante aos bichos que não são orientáveis como cobras pois a maioria mata e não desobedece em lugar de onde elas vivem

Tem celular e/ou câmera fotográfica?

SIM (X) NÃO ()

Tem acesso à Internet?

SIM (X) NÃO ()

Usa redes sociais?

SIM (X) Quais?: Facebook, WhatsApp

NÃO ()

Gosta de tirar fotos ou fazer vídeos?

SIM (X) NÃO ()

Já visitou a Estação Ecológica de Angatuba?

SIM () NÃO (X)

Se ainda não visitou a Estação Ecológica de Angatuba, gostaria de conhecê-la?

SIM (X) NÃO ()

Tem interesse em participar de encontros que falem sobre natureza e sobre tecnologias da informação?

SIM (X) NÃO ()

Agradecemos sua participação!